

Relatório de Estágio



O primeiro contacto com a realidade do mundo escolar

Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professora Paula Silva

Diogo Manuel Duarte Seixas

Porto, Setembro 2022

Ficha de catalogação

Seixas, D. (2022). O primeiro contacto com a realidade do mundo escolar. Relatório de Estágio Profissional. Porto: D. Seixas. Relatório de Estágio Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade de Porto

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, Educação Física, Estágio Profissional.

Dedicatória

Aos dois alicerces da minha vida: Família e Amigos.
Obrigado pelo apoio e pelo exemplo que são. Serão sempre a minha maior
força.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos aqueles que fizeram parte do meu estágio profissional.

Ao Professor Cooperante, pelas aprendizagens e por todo o conhecimento que me passou ao longo do ano letivo.

A Professora Paula Silva, em especial, pela disponibilidade, pela ajuda no ano estágio e na elaboração do relatório de estágio.

Aos meus colegas que me acompanharam ao longo dos dois anos de mestrado, pelo companheirismo e aprendizagens que obtive com vocês.

À minha colega de estágio pelo apoio no momento mais difíceis no ano de estágio, pelo incentivo e pelos ensinamentos que tive.

A todos os professores que tive ao longo da minha vida e que tiveram um enorme impacto na minha formação, educação, valores e princípios que carrego nos dias de hoje.

À família, em especial a minha mãe, pelo apoio, força e exemplo que representam na minha vida, por acreditarem em mim, e por tudo o que já fizeram por mim. Pelas oportunidades que me deram, por me terem formado e terem tornado na pessoa que sou. Não existem palavras suficientes para agradecer

E por último, e não menos importante, quero agradecer ao meu grupo de amigos que, em conjunto, formamos o futuro mais-que-perfeito: por toda a aprendizagem que obtenho diariamente com eles, pelo apoio incondicional, e por todas as demonstrações de afeto e amor. Estarei eternamente grato por serem um alicerce na minha vida.

Índice Geral

DEDICATÓRIA.....	III
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE GERAL	V
ÍNDICE GRÁFICOS	VII
ÍNDICE ANEXOS	VIII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XI
1. INTRODUÇÃO	- 1 -
2.ENQUADRAMENTO PESSOAL	- 4 -
2.1.1. Quem sou eu	- 5 -
2.1.2. Expetativas em relação ao Estágio Profissional	- 10 -
3.ENQUADRAMENTO NA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	- 15 -
3.1. A escola enquanto instituição.....	- 13 -
3.2. A importância da Educação Física nas Escolas.	- 16 -
3.3. Escola Cooperante	- 18 -
3.4. Realidade Encontrada.....	- 20 -
3.5. Núcleo de estágio.....	- 21 -
3.6. Professor Cooperante	- 22 -
3.7. Professora Orientadora	- 23 -
3.8. A minha primeira turma	- 24 -
3.9. Os diabretes do 7º.....	- 28 -
4-REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	- 30 -
4.1 Área 1- Organização e Gestão	- 31 -
4.1.1. Planeamento Anual	- 31 -
4.1.2. UD	- 32 -
4.1.3. Plano de aula	- 34 -
4.1.4. Realização do Ensino.....	- 36 -
4.1.4.1 Primeiro Contacto e Primeira Aula	- 36 -

4.1.4.2 Relação com a turma	- 37 -
4.1.4.3 Gestão e organização da aula.	- 38 -
4.1.4.4 Instrução.....	- 39 -
4.2. Área 2 -Participação na escola e relação com a comunidade escolar	- 47 -
4.2.1. Importância dos funcionários	- 47 -
4.2.2. Atividades Escolares	- 48 -
4.2.2.1. Dia do Desporto Escolar	- 48 -
4.2.2.2. Torneio Inter Turmas	- 48 -
4.3. A Função da E.F em duas Escolas diferentes e o impacto que tem na prática desportiva dos alunos	- 50 -
4.3.1. Resumo	- 51 -
Abstract	- 52 -
4.3.2. Introdução.....	- 53 -
4.3.3. Objetivo do estudo	- 54 -
4.3.4. Metodologia.....	- 54 -
4.3.4.1. Amostra	- 55 -
4.3.5. Apresentação dos Resultados	- 55 -
4.3.6. Análise e Discussão dos Resultados	- 62 -
4.3.7. Conclusão.....	- 63 -
 5.CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS	- 64 -
 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	- 67 -
 7-ANEXOS	- 69 -

ÍNDICE GRÁFICOS

Gráfico 1-Valores percentuais quanto a participantes masculinos e femininos.	55 -
Gráfico 2-Valores percentuais de alunos/as que praticam Desporto regularmente.	56 -
Gráfico 3-Valores percentuais de alunos dos 9º anos que praticam Desporto regularmente.-	56 -
Gráfico 4-Valores percentuais de alunos do 12ºano que praticam Desporto regularmente ...-	56 -
Gráfico 5-Nº de alunos/as que praticam Desporto Escolar.....	57 -
Gráfico 6- Nº de alunos/as do 12ºano que praticam Desporto Escolar.	57 -
Gráfico 7-Nº de alunos/as do 9ºano que praticam Desporto Escolar.	57 -
Gráfico 8--Razões apresentadas pelos alunos/as por que motivos gostam da escola	58 -
Gráfico 9-Nº de alunos do 12º ano que pretendem praticar Desporto no futuro.	59 -
Gráfico 10-Nº de alunos do 9ºano que pretendem praticar Desporto no futuro.	59 -
Gráfico 11-Razões apresentadas pelos alunos quais os objetivos da Escola em relação a E.F.....	60 -
Gráfico 12-Estratégias que a Escola poderia adotar para aumentar a importância do Desporto, na ótica dos alunos.....	61 -

ÍNDICE ANEXOS

Anexo 1: Ficha Caracterização do Aluno	XII
Anexo 2: Planeamento Anual das Disciplinas	XV
Anexo 3: Plano de Aula.....	XVI
Anexo 4: Exemplo UD (voleibol)	XVII
Anexo 5: Critérios de Êxito (Dança)	XVIII
Anexo 6: Questionário do Estudo de Investigação.....	XIX
Anexo 7: Cartaz Torneio Inter Turmas	XX

Resumo

O estágio profissional (EP) caracteriza-se pelo culminar da formação integral do estudante. Neste documento são descritas as vivências ao longo de todo o processo, tendo como objetivo salientar a evolução como estudante estagiário (EE). É a primeira vez que o EE tem um contato real com o mundo do ensino. Durante esse contato são experienciados vários momentos. Estes momentos acabam por traçar a nossa identidade enquanto professores, e evidenciam a nossa evolução com base nas aprendizagens, dificuldades, estratégias adotadas e soluções encontradas para que seja possível tornar num melhor professor e pessoa. O percurso começou em setembro de 2021 e teve o seu término em junho de 2022, na Escola Básica e Secundária do Cerco, onde tive a oportunidade de lecionar uma turma do curso profissional de Desporto. O seguinte documento irá estar dividido em cinco partes: A primeira, a introdução que irá contextualizar o relatório de estágio, a segunda, o enquadramento pessoal, onde irei abordar o meu percurso pessoal, o terceiro, o enquadramento da prática profissional, onde consta a caracterização da escola, da turma, do Núcleo de Estágio, do Professor Cooperante e da Professora Orientadora, o quarto ponto, referente a realização da prática profissional, em que irei abordar todo o processo de ensino-aprendizagem ao longo do ano letivo, e por último, o quinto ponto, referente ao estudo de investigação realizado.

Palavras-Chave: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM;

Abstract

The professional internship is characterized by the culmination of integral students' formation. This document describes the experiences throughout the process aiming to highlight the evolution as an intern student. It is the first time that the internal student has had real contact with the teaching world. During this contact, several moments are experienced. These moments end up tracing our identity as teachers and evidence our evolution based on learning, difficulties, adopted strategies, and solutions to become better teacher and person. The course began in September 2021 and was finished in June 2022, at the Cooperative School where I had the opportunity to teach a professional sports course. The document will be divided into five parts: The first one is the introduction that will contextualize the internship report, the second one includes the personal framework, where I will address my journey, the third one is about the framework of professional practice, which consists of the characterization of the school, the class, the Internship Center, the Cooperating Professor, and the Guiding Professor, the fourth point refers to the realization of professional practice, in which I will address the entire teaching-learning process throughout the school year, and finally, the fifth point, states the research study carried out.

Keywords: PROFESSIONAL INTERNSHIP; PHYSICAL EDUCATION;
TEACHING-LEARNING PROCESS;

Lista de Abreviaturas

AD – Avaliação Diagnóstica

AS- Avaliação Sumativa

DT – Diretor de Turma

EC – Escola Cooperante

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

NE – Núcleo de Estágio

PA- Plano Anual

PC – Professor Cooperante

PO – Professor Orientador

PP – Prática Pedagógica

RE – Relatório de Estágio

UC – Unidade Curricular

UD – Unidade Didática

1.INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) do Estágio Profissional (EP), inserido no curso do segundo ciclo em Ensino de Educação Física (EF) nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), com o objetivo da obtenção do Grau Mestre. O relatório de estágio (RE) é o culminar de cinco anos de aprendizagens da minha vida académica.

O RE representa um caminho percorrido que teve o seu início na Escola Cooperante (EC), sendo acompanhado por uma colega, que em conjunto formamos o Núcleo de Estágio (NE), onde a prática de ensino supervisionada (PES) foi realizada com a supervisão do Professor Cooperante (PC) da escola e ao longo do ano fomos sendo orientados pela Professora Orientadora (PO) da faculdade. O presente documento irá relatar todas as experiências, adversidades que tive ao longo de todo estágio.

O estágio profissional (EP) não se restringe apenas à lecionação das aulas, este inclui uma panóplia de reflexões que o estudante estagiário (EE) deve realizar ao longo do ano letivo (Batista & Queirós, 2013). O EP é uma parte dum processo de formação fundamental na integração do EE num contexto real, onde num futuro próximo este irá exercer duma forma autónoma a profissão. Com esse objetivo, é importante que o EE reflita sobre todo o processo, de forma a obter aprendizagens significativas, competências e evolução suficiente para se transformar num profissional competente.

O RE engloba três grandes áreas de intervenção, nomeadamente: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; Participação na Escola e nas Relações com a Comunidade e Desenvolvimento Profissional. O documento estará dividido em cinco partes: a introdução, com uma breve apresentação do documento e a sua estrutura; o Enquadramento Pessoal, relatando um pouco das minhas experiências de vida até chegar a este momento como forma de contextualização; o Enquadramento Institucional, onde apresento uma reflexão sobre a importância da escola, da Educação Física (EF), assim como uma caracterização da Escola Cooperante (EC), do NE, do PC, PO e das turmas. O quarto ponto, o Enquadramento da Prática Profissional, onde estarão as três

grandes áreas referidas, onde relato as aprendizagens, dificuldades, estratégias ao longo do ano letivo e o desenvolvimento da relação com a comunidade escolar. Neste ponto também estará presente o Desenvolvimento Profissional, onde foi realizado um estudo. E por fim, serão feitas as considerações finais e perspectivas de futuro.

Em forma de conclusão, termino com uma frase de Guardiola, pois nela está o que considero a minha intenção na elaboração deste documento. Mais do que obter títulos, certificações, graus, é importante ver um significado, um propósito, nas aprendizagens e em tudo o que faço.

2.ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1.1. Quem sou eu.

Chamo-me Diogo Seixas, tenho 27 anos e nasci a 19 de setembro de 1994, natural de Viseu.

Quem sou eu? É uma pergunta extremamente complexa e será das perguntas mais difíceis de responder. Seria sempre mais fácil pedir a um colega, familiar ou amigo para nos descrever ou descrevermos as características de outra pessoa. No entanto, esta pergunta, que nos leva a uma autoanálise, é fundamental no nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, é uma pergunta que devemos fazer recorrentemente, uma vez que quem nós somos hoje não é igual ao que éramos ontem. Somos produto das nossas próprias experiências, do nosso ambiente e das nossas decisões, por isso irei abordar com alguma profundidade estes tópicos, que penso que irão ajudar a descortinar quem realmente eu sou.

Influência familiar

Segundo Gonçalves e Coimbra (2003), a família apresenta-se como o primeiro e o mais significativo com incidências determinantes nas trajetórias vocacionais das gerações mais novas. Aí se aprende, desde as etapas mais precoces da existência, os saberes, os afetos e as experiências mais estruturantes e organizadoras que serão a matriz de significados das relações que irão estabelecer consigo próprio e com os outros.

Assim é possível assumir que família é a primeira sociedade que as crianças conhecem e na qual se desenvolvem, pelo que a estabilidade da mesma irá influenciar as escolhas no futuro das crianças.

Não é indiferente e insignificante nascer num contexto familiar onde existe estabilidade emocional que garanta a segurança de um projeto de vida ou provir de uma família desestruturada e disfuncional; não é irrelevante viver em locais onde exista exclusão social ou viver em zonas privilegiadas onde se pode aceder às oportunidades que possibilitem maior sucesso, pertencer a uma classe social

ou a outra, viver no interior ou no litoral, Gonçalves e Coimbra (2003). Por isso é importante não ignorar o contexto familiar, as suas origens e como esses fatores se podem refletir nas escolhas futuras do ser humano.

Neste sentido, sinto-me um privilegiado pela família que tenho, onde sempre me transmitiram valores e princípios, por me terem apoiado numa forma incondicional nas minhas escolhas.

O fato da minha mãe ser professora também acabou por ter alguma influência na minha escolha profissional. Desde tenra idade ia com ela à escola onde ela exercia a sua profissão e acabei por crescer inserido no contexto de escola, o que fez com que percebesse a importância que um professor tem na nossa sociedade e como o ensino assume uma preponderância enorme no futuro dum país.

Os meus pais e família sempre me incentivaram a praticar desporto e tiveram sempre disponibilidade para me levar aos treinos e aos jogos, independentemente dos dias ou horas. Ao longo do meu crescimento, as conversas acerca do desporto em família foram constantes assim como o privilégio de assistir a diversos eventos desportivos, que acabavam por alimentar o meu interesse e paixão por diversas modalidades, além de adquirir mais conhecimento acerca das modalidades.

Ao longo deste ano de estágio tive a oportunidade de assistir a contextos familiares desfavorecidos e disfuncionais e tive diversas conversas com amigos sobre esta temática de difícil resolução por parte das entidades governamentais.

O contraste social é cada vez mais desnivelado, quem nasce num meio socioeconómico desfavorecido tem muito menos oportunidades que alguém que nasça num meio socioeconómico próspero e por isso seria importante nivelar os níveis de oportunidades entre as pessoas, independente do meio socioeconómico onde nascem e crescem, algo que não é fácil e que demora décadas, mas que se olharmos para alguns países (países nórdicos por exemplo) podemos ver que não é impossível. Por isso, cada vez sinto mais gratidão pela minha família e por tudo o que fazem e fizeram por mim.

Percurso Desportivo

Aos 6 anos comecei a praticar natação, com o objetivo de aprender a nadar, mas nunca foi uma modalidade que me atraísse, um dos principais motivos foi ser uma modalidade individual e sempre gostei mais de modalidades coletivas e ter interação com outras pessoas. Aos 8 anos comecei com o karaté na escola primária, para isso contribuíram muito os meus colegas na altura, como todos praticavam a modalidade após as aulas, acabaram por me influenciar a realizar a modalidade.

No fim da primária e no início do ciclo, comecei a praticar futebol e imediatamente senti que era a minha modalidade favorita. Pratiquei futebol durante todo o ensino básico numa forma mais competitiva, mas não só, nos intervalos das aulas, após as aulas, estava sempre a jogar. Devido à separação dos meus pais, e de viverem em cidades diferentes, não conseguia ir à maioria dos jogos de competição, uma vez que ia para Viseu de 15 em 15 dias, o que acabou por dificultar o meu ingresso no futebol de competição. Com o início do ensino secundário, acabei por abandonar o futebol de forma a ter mais tempo para me dedicar aos estudos.

Percurso Escolar

Ao longo do meu percurso escolar tive a oportunidade de ter vários professores de excelência, algo que na altura não dava a devida importância, mas que em retrospectiva, foram fundamentais no meu percurso, nas minhas aprendizagens e na minha formação enquanto pessoa.

Na escola de primeiro ciclo, tive bastantes dificuldades, fui diagnosticado com dislexia, o que acabou por dificultar no meu processo de aprender a escrever, ler e tinha alguma dificuldade na fala. No entanto, através da terapia da fala, do apoio da minha professora e dos meus colegas consegui ultrapassar os

obstáculos. Naquele momento, sentia que tinha de fazer um esforço enorme para fazer aquilo que os meus colegas faziam com naturalidade, isso muitas vezes deixava-me frustrado, a única disciplina que conseguia distinguir-me com naturalidade era em EF. Esse fator foi muito importante para a minha autoestima e sentir que também tinha capacidades e teve um efeito de normalização.

No 2º ciclo do ensino básico mudei de escola, sendo que todos os meus colegas foram para outra escola, e fiquei um pouco apreensivo inicialmente. Uma escola, colegas e professores novos, era tudo uma novidade.

Com o tempo fui cimentando as minhas amizades, que se mantêm até aos dias de hoje. Para atenuar o choque inicial, o desporto e o futebol ajudaram-me imenso na minha integração, durante todos os intervalos jogávamos futebol e isso fez com que conhecesse melhor os colegas da minha da turma e também de outras turmas.

Apesar das dificuldades que encontrei no ensino primário, essas dificuldades já não foram sentidas no ensino básico, em que já me sentia perfeitamente capaz de realizar qualquer tipo de tarefa que era proposta na maioria das disciplinas. A minha turma era das melhores da escola e por isso o nível era bastante alto.

Mais uma vez, tive o privilégio de ter professores de excelência, que sempre demonstraram preocupação por cada um dos alunos e sempre tiveram cuidado com o processo de ensino-aprendizagem.

No fim do ensino básico, devido ao comportamento da turma e dos professores confiarem na turma, realizamos uma viagem de finalistas a Itália. Nem todos tinham condições para pagar a viagem, e por isso a turma fez eventos ao longo do tempo para angariar dinheiro e pagar as viagens a esses colegas.

Por curiosidade, a minha professora que organizou a viagem, voltaria a encontrá-la, desta vez como professor estagiário na escola cooperante, onde partilhamos a mesma turma.

Na entrada para ensino secundário, grande parte da minha turma do ensino básico manteve-se o que ajudou na integração na nova escola.

Mais uma vez os professores tiveram sempre presentes e mostraram-se sempre disponíveis para nos ajudar nas preparações dos exames, assim como nos apoiarem atingir os nossos objetivos.

Percurso Profissional

Após terminar a licenciatura, decidi que antes de realizar o mestrado, queria ter a experiência de trabalhar a tempo inteiro em diferentes áreas. Para esta decisão contribuiu o fato de ter realizado mobilidade como aluno no projeto ERASMUS e ter obtido novas perspetivas. Também considerei importante vivenciar outras áreas de forma a saber se o Ensino era realmente a área que eu queria.

O meu primeiro emprego foi vendedor porta a porta, e apesar de não ter gostado do emprego, foi importante no sentido de me ter feito sair da minha zona de conforto e de ter melhorado a minha capacidade de comunicação. Também ocorreu algo interessante, ainda hoje me lembro deste emprego, e por vezes, é tão importante saber aquilo que não queremos como aquilo que queremos e, definitivamente, foi uma experiência que valorizo, mas que não quero voltar a repetir no futuro.

Depois desta experiência trabalhei na Worten, que foi uma experiência agradável e enriquecedora e por fim trabalhei numa gelataria ao mesmo tempo que dava treinos de futebol na Dragon Force.

Estas experiências foram muito importantes para mim, ajudaram-me a obter uma perspetiva do mundo profissional, em todas elas tinha contacto direto com o público, o que fez com que desenvolvesse diversas capacidades e competências.

Sentia-me satisfeito, mas não completamente realizado, pois não estava realmente na área que me preenchia. Percebi que ser professor de EF era o que eu gostava de seguir e alcançar. Estar noutras áreas foi relevante e quando entrei no mestrado na FADEUP, senti uma motivação completamente diferente. Acabei por valorizar onde estava, algo que provavelmente não teria acontecido se não tivesse passado por outras experiências profissionais.

2.1.2. Expetativas em relação ao Estágio Profissional

Ao longo do meu percurso académico, sempre foi referenciado a importância do estágio, com particular ênfase no ano transato. Falamos diversas vezes da importância do estágio na nossa formação, assim como o período de transição de estudante para professor. Nesse período de transição, principalmente num primeiro momento, ocorre um choque com a realidade. Isto acontece uma vez que nos sentimos como um corpo estranho num lugar novo. Além de termos uma idealização do ensino criada pela nossa formação inicial que não corresponde inteiramente ao quotidiano do dia a dia do professor, nem da realidade da escola dentro da perspectiva do professor.

Será um ano importante, no sentido, de ser um ano em que poderia começar a aplicar as aprendizagens que tive ao longo da licenciatura e do mestrado, em que iria completar o lado mais teórico com um lado mais prático e aprender a conciliar os dois lados, que irá culminar na etapa final da minha formação.

Por muito que o curso nos prepare e obtenhamos diversas aprendizagens, apenas o estágio retrata o dia a dia da profissão que vamos exercer. Grande parte da formação que tivemos ao longo da licenciatura e no primeiro ano de mestrado ocorre num ambiente controlado, por outro lado, o estágio embora com supervisão, acontece num ambiente mais imprevisível e por esse mesmo motivo é tão enriquecedor. O estágio marca o início do fim, marca o fim da minha formação e o início da minha carreira enquanto docente, e é uma etapa particularmente interessante visto que assumimos duas vertentes e duas perspetivas, por um lado enquanto estudante (da faculdade) por outro como professor (na escola cooperante).

O ano passado foi assolado pela pandemia, o que fez com que grande parte das aulas fossem online. Assim, as aulas práticas das didáticas específicas acabaram por serem poucas. Por norma, vamos algumas escolas e lecionamos partes das aulas, só que isso não aconteceu, apenas na didática de natação tivemos uma prática pedagógica com os alunos.

A minha expectativa era elevada, queria aprender mais e poder sentir o que é verdadeiramente ser um professor. Na altura da candidatura das escolas comecei a ficar ansioso e nervoso devido a diversos motivos. Primeiro, saber em que escola seria colocado, se teria boas condições para a prática desportiva, a organização e funcionamento da escola, se estaria perto de casa. Segundo, qual seria a turma que teria pela frente, se seria uma turma problemática. E por último, que desempenho iria ter, se seria capaz de ultrapassar as adversidades que iriam surgir ao longo do ano.

Ao saber da escola onde fui colocado, a primeira reação foi negação. Fiquei apreensivo por se tratar duma escola problemática, o que me levou a ponderar o que iria encontrar pela frente, que tipo de turma iria ter, os alunos, o ambiente (...) e se teria as capacidades necessárias para ultrapassar os obstáculos. No entanto, com o passar do tempo, fui aceitando cada vez melhor, percebi que ao longo do meu percurso de vida, as alturas em que cresci mais, foram quando estive fora da minha zona de conforto. E no contexto onde iria estar seria uma excelente oportunidade de crescer quer pessoalmente, quer profissionalmente, que me iria trazer desafios completamente diferentes. Não iria existir monotonia, e que cada dia seria diferente e tornar a experiência ainda mais completa e enriquecedora.

3.ENQUADRAMENTO NA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1. A escola enquanto instituição

Como diz Souza (cit. por Carvalho, 2006) a escola constitui uma instituição de primeira linha na constituição de valores que indicam os rumos pelos quais a sociedade trilhará o seu futuro. Partindo desta perspectiva, facilmente se percebe a importância da escola na sociedade. A escola tem como responsabilidade em formar pessoas em cidadãos íntegros, com valores e conhecimentos suficientes para que estes possam integrar a sociedade e assegurar o desenvolvimento integral do indivíduo. Segundo Borsa (2007) a escola exerce um papel importante na consolidação do processo de socialização, processo esse que ocorre já no início de vida da criança. A escola será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social infantil e, portanto, para o curso posterior de sua vida. É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se as expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Ao olharmos para a escola, vemos que ela é influenciada pelo seu meio, sociedade, política e assume cada vez mais um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade. A educação é influenciada cada vez mais por fatores socioeconômicos e políticos, e é nesta conjuntura participativa que cresce o seu papel em relação ao desenvolvimento como compromisso social (Carvalho, 2006).

Na minha opinião, um dos principais marcos que ocorreram na transformação da escola e da sociedade, foi decorrente da revolução do 25 de Abril. No passado, a escola assumia um papel de transmitir conhecimentos ignorando as características e diferenças de cada aluno, onde eram todos tratados da mesma forma. Muitas dos métodos que eram utilizados são impensáveis nos dias de hoje, a utilização da violência, de certos castigos como métodos de correção de comportamentos são exemplo disso. A segregação que existia entre homens e mulheres, de raças e etnias, que tornavam um obstáculo, a riqueza que existe

atualmente, a diversificação. Com a evolução do mundo, a escola transfigurou-se, sendo um local de transmissão de cultura, conhecimento e uma entidade formadora.

No entanto não tem se verificado uma evolução da profissão dos professores, que é algo preocupante. Facilmente vemos que, com o passar das últimas décadas, tem existido alguma desvalorização do seu papel devido a algumas das políticas adotadas pelos sucessivos governos. Ainda assim, os professores assumem um papel primordial na escola, são os transmissores de conhecimentos, de exemplo, de valores e princípios e agentes de cultura.

A escola também assume um papel na formação dos professores, pois exige uma formação contínua para que existam desenvolvimentos de novas PP (práticas pedagógicas), estratégias e modelos de ensino.

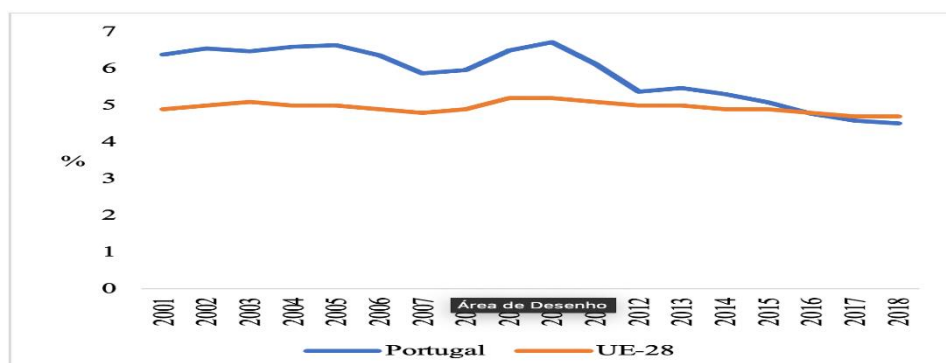
Deste modo a escola atual tem de ser cada vez mais aberta, dinâmica, com projetos inovadores de forma a dar uma resposta às necessidades da sociedade para que esta evolua, cresça e seja próspera.

O Ensino em Portugal

“If you think education is expensive, try ignorance”

Derek Bok Presidente da Universidade de Harvard, 1971-1991

Ao longo dos últimos anos, tem existido sucessivos debates sobre o ensino em Portugal. Desde a grave crise financeira em 2008, o estado teve de fazer cortes em diversas áreas, uma delas a Educação.



Fonte: INE, Eurostat

A falta de investimento teve consequências profundas no sistema de ensino em Portugal, o aumento de número de alunos por turma, o aumento de horas de trabalho dos docentes, a dispensa de milhares de professores, a promoção de concorrência entre escolas e centralização da dimensão curricular nas disciplinas de carácter mais instrumental, ou seja, o português e a matemática, com menorização da formação global do aluno.

Com a saída da crise, esperava-se um investimento maior no ensino, algo que não se tem verificado.

Com a entrada num mundo cada vez mais digital, a sociedade mudou drasticamente num curto espaço de tempo e é urgente uma reforma no ensino português. É preciso fazer uma reflexão profunda e olhar para o ensino de outros países e pensar se não faria sentido adotar algumas estratégias semelhantes. E, acima de tudo, inverter o desinvestimento feito na última década no ensino. Um país que não investe no seu futuro estará sempre mais perto do insucesso do que do sucesso. Na minha opinião, é fundamental a criação de novas disciplinas ou substituição de algumas, por exemplo, num mundo onde os jovens nascem com a tecnologia presente no seu dia-a-dia, a substituição da disciplina Tecnologias da Informação e Comunicação por uma disciplina de tecnologia mais avançada. A criação de uma disciplina que ajude os jovens a perceber a importância do dinheiro, da poupança, gastos e boa governação, que poderia ser um complemento à disciplina de matemática. É urgente uma rutura com o passado recente e reformular o ensino como o conhecemos, para isso é necessário dar prioridade ao ensino em Portugal.

Olhando para países bem-sucedidos em termos de ensino, encontram-se os países nórdicos. Nestes países é possível verificar como a educação é um setor prioritário e como consequência verifica-se uma das sociedades mais desenvolvidas no mundo com uma qualidade de vida assinalável. No entanto, tem-se verificado que o ensino superior em Portugal forma profissionais com mais qualidade e mais capazes, tendo diversas faculdades entre os rankings das melhores do mundo. Na minha perspetiva, isto acontece devido a fatores como a autonomia, o processo de avaliação e a motivação dos

alunos.

No ensino superior verifica-se que o professor tem mais autonomia que no ensino básico e secundário, existe mais diálogo e debates com os alunos, que acaba por resultar numa aprendizagem de maior qualidade por parte dos alunos, em que estes acabam por ter um pensamento mais crítico e reflexivo sobre as matérias. Onde surge a oportunidade de apresentarem as suas perspetivas sobre as matérias e ouvir diferentes perspetivas. A avaliação que, por norma, pode diferir de cadeira para cadeira, mas dá mais poder de escolha ao aluno, se este quer fazer durante o semestre, na época de exame ou na época de recurso.

E por fim, visto que o aluno escolhe o curso e na maior parte das vezes, está na área que se sente mais realizado, encontra-se mais motivado para aprender.

3.2. A importância da Educação Física nas Escolas.

A EF é uma disciplina que está integrada no currículo nacional. Devido a ser uma disciplina prática e ser diferente das disciplinas teóricas, tem enfrentado dificuldades e barreiras que mais nenhuma outra enfrenta. Com a entrada no século XXI, a educação física assistiu a uma crise, onde chegou a ser um pouco marginalizada, subvalorizada pelos alunos e pais e a uma desvalorização da sua importância e do seu papel na escola. O contributo da Educação Física para a formação da pessoa e banalizam também a importância da formação científica e pedagógica dos Professores nesta área do conhecimento (Brás, 1996, p. 47).

Ao longo dos anos tem-se assistido a um currículo de ensino cada vez mais centrado nos resultados e menos nas aprendizagens. Esta conceção de educação que remete para uma valorização quase exclusiva do conhecimento, representa, assim, um dos maiores entraves à valorização da EF (Batista & Queirós, 2015).

Observando a sociedade nos dias de hoje, é possível verificar que o jovem tem sofrido algumas alterações e problemas que no passado não eram tão comuns. O jovem de atualmente tem cada vez mais um estilo de vida sedentário, de

acordo com dados do INE mostram que a obesidade infantil, em 2019, 11,9% das crianças apresentavam obesidade e 29,7% excesso de peso (incluindo obesidade). São dados preocupantes que demonstram as consequências dum estilo de vida sedentário. Além disso tem surgido cada vez mais problemas do foro mental/psicológico, a depressão, ansiedade, stress, que com a vinda do COVID-19 vieram agravar a saúde mental dos jovens portugueses. Uma das melhores formas de ajudar a ultrapassar estas dificuldades é através de um estilo de vida saudável e ativo, onde o desporto assume uma preponderância crucial. Segundo Matos (2012), tanto o desporto como a EF tornam-se meios de excelência para preparar os alunos para as necessidades encontradas nos problemas da sociedade moderna.

Por conta destas mudanças, a EF tem assumido cada vez mais uma importância acrescida, tem havido uma mudança da perceção pública em relação à mesma. No entanto esta mudança de paradigma, leva-me a uma interrogação, a EF serve apenas e só para promover um estilo de vida ativo e saudável nos jovens? Parece-me ser bastante redutor, visto que a EF tem não só essa finalidade, mas muitas outras. Segundo Crum (1993), a EF tem três objetivos essenciais: a aquisição dos conteúdos da EF, a estruturação do comportamento motor e a formação pessoal, social e cultural.

A EF traz ao aluno valências incalculáveis, ajuda o aluno a ganhar o gosto pela prática da atividade física, que ajudará no combate a um estilo de vida sedentário; o aluno desenvolve-se do ponto de vista do comportamento motor, em que existe um conhecimento do seu próprio corpo, das limitações, das suas potencialidades da sua orientação espacial; na sua formação pessoal, social e cultural, através do conhecimento de regras e inculcando valores, educação e princípios fundamentais para a sua integração futura na sociedade e enquanto ser humano.

3.3. Escola Cooperante

A escola onde fui colocado foi na Escola Básica e Secundária do Cerco, situada na cidade do Porto, mais concretamente na rua Nossa Senhora do Calvário, na freguesia de Campanhã. Pertence a um agrupamento composto pelo total de oito escolas. Como referi anteriormente, é uma escola TEIP (Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), devido a encontrar-se em territórios económica e socialmente desfavorecidos. Devido a este fator conta com diversos projetos de forma a promover o ensino, valores, princípios e combater o abandono escolar. Apesar dos esforços, por vezes, acontecem situações lamentáveis, como presenciei em primeira mão, de violência da parte de familiares dos alunos a professores.

O Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, tem como visão continuar a afirmar-se como uma instituição cuja gestão e administração assentam numa cultura aberta, numa liderança integrada com um forte sentido ético – consciência dos limites, respeito pelo outro, prevalência do bem comum, e visão e ação estratégica – conhecimento do que se passa à nossa volta, criatividade na ação: perceber o futuro (sonho), enfrentar desafios e realizações (realidade) e ousar um pensamento crítico e inovador. É uma escola com uma multiculturalidade latente, com alunos de diversas zonas da cidade. A procura da escola prende-se pelos cursos que está tem disponíveis, nomeadamente: Cursos Profissionais (Técnico de Desporto, Técnico de Cozinha / Pastelaria, Técnico de Eletrónica, Automação e Computação, Técnico de Restaurante / Bar, Técnico de Turismo); Curso de Educação e Formação de Adultos (EFA Escolar); Cursos de Educação e Formação de Jovens (CEF); Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF); Percurso Curricular Alternativo (PCA). Conta com 2223 alunos, e no seguinte gráfico, mostro como os alunos estão distribuídos.

Ciclo	Número alunos	Percentagem
Pré escolar	216	9,72%
1.º Ciclo	713	32,07%
2.º Ciclo	322	14,48%
PCA 6.º ANO	14	0,63%
3.º Ciclo	506	22,76%
Vocacionais	30	1,35%
PIEF	36	1,62%
CEF	50	2,25%
Ensino Secundário	217	9,76%
Profissionais	119	5,35%
TOTAL	2223	100%

Instalações

A escola apresenta instalações recentes, com espaços limpos e agradáveis, onde se destacam alguns espaços verdes e uma vista privilegiada para o estádio do Dragão, o que acaba por se revelar uma motivação para alguns alunos que pretendem ser jogadores profissionais, onde todos os dias olham para o sítio onde sonham poder jogar um dia. A escola possui cinco pavilhões de aulas, todos interligados com cobertura para a proteção da chuva. Existem ainda mais dois pavilhões destinados à EF. Nos primeiros edifícios, localizam-se os serviços administrativos, a direção da escola, a biblioteca, cantina e reprografia.

Instalações relativamente a EF

Como referi a escola conta com dois pavilhões destinados a prática e as aulas de EF. No primeiro pavilhão (G1), tem com um espaço interior com a dimensão de 40Mx20M destinado a prática de diversas modalidades: futsal, voleibol, andebol, badminton, basquetebol, tem também uma arrecadação para arrumar os materiais. Conta ainda com uma sala para as aulas teóricas, um espaço próprio destinado a ginástica, aeróbica e dança, um ginásio e um campo exterior que além de campos contem uma pista e uma caixa destinada ao atletismo.

O segundo pavilhão (G2), tem os mesmos espaços que o primeiro pavilhão (G2), com a diferença de não ter um ginásio e sala teórica, além do espaço destinado ginástica ser mais pequeno. No entanto, conta com uma parede de escalada. Os espaços são todos eles recentes, com boas condições, limpos e organizados, com bastantes recursos materiais.

Por isso é visível o investimento da escola para que existam boas condições para a prática desportiva e para que as aulas de EF decorram da melhor forma possível.

3.4. Realidade Encontrada

Logo no início, todas as pessoas que nos receberam na escola foram bastante simpáticas e disponíveis para nos ajudar, quer o professor cooperante como os restantes professores, funcionários, o que ajudou bastante na integração e a perceber o contexto da escola. A escola do Cerco é uma escola de Território Educativo de Intervenção Prioritária, onde o principal objetivo passa por diminuir o abandono escolar e aqui o desporto ganha uma dimensão ainda mais importante.

O desporto é uma das principais formas de combater o abandono escolar, de forma a motivar os alunos a continuarem na escola, a começarem a praticar desporto regularmente, dentro e fora da escola.

A escola tem excelentes condições desportivas, conta com dois pavilhões, bastante material desportivo, e o desporto escolar oferece 16 incríveis modalidades.

Na minha opinião esta estratégia da escola faz todo o sentido, muito alunos vivem em situações económica e socialmente precárias, onde a violência, indisciplina, o abandono e insucesso escolar acabam por se manifestar. O desporto e a disciplina de EF são, na grande maioria dos casos, a área/disciplina favorita dos alunos. É visível a preocupação dos professores em tentar transmitir, não só conhecimentos, mas também passarem os valores, princípios e educação através do desporto, pois é uma disciplina onde os alunos se sentem mais motivados e predispostos a aprender.

Esta estratégia da escola vem colhendo os seus frutos ao longo do tempo, sendo que é claramente visível o orgulho da parte dos professores, funcionários, e da própria direção. As conversas que íamos tendo com o professor cooperante, já professor nesta escola há 16 anos, reforçavam de como era notória a evolução, com alunos inseridos na formação de diversos clubes de competição e até da seleção nacional e sabendo que os seus percursos tinham sido iniciados aqui na escola. O mais importante que retiro daqui, é a importância da minha área, do desporto e da disciplina de Educação Física, que claramente mudou o rumo da vida de muitos alunos nesta escola, que sem o desporto e a escola poderiam ter seguido caminhos e tomado escolhas que teriam repercussões graves no futuro deles.

3.5. Núcleo de estágio

O núcleo de estágio foi constituído por mim e por mais uma colega, sendo que já nos conhecíamos, uma vez que pertencíamos a mesma turma do mestrado. Foi extremamente importante ter outra colega comigo ao longo do ano devido a diversos fatores. Por um lado, devido as constantes reflexões, críticas construtivas, através do questionamento ou sugestões, o porquê de usarmos determinada estratégia, métodos, sequências, exercícios sobre o trabalho que íamos desenvolvendo, ajudou no meu crescimento enquanto profissional. Como refere Nóvoa (2009, p.7), “a competência coletiva é mais do que o somatório das competências individuais.”

Por outro lado, termos alguém a observar as nossas aulas, permite que alguns pormenores, ou erros que cometemos, que não nos apercebemos, não passem despercebidos. Este aspeto é fundamental, no sentido de podermos corrigir esses mesmo erros no futuro ou estarmos mais atentos a alguns pormenores. E por último, mas não menos importante, por ter aprendido através de obter novas e diferentes perspetivas. Tudo o que foi referido anteriormente, foi importante no meu desenvolvimento e crescimento.

Noutra perspetiva, também tornou a experiência menos avassaladora, ou seja, termos alguém que está a passar pela mesma experiência, adversidades ou dificuldades, acaba por criar uma identificação e um sentimento de que não somos os únicos a passar dificuldades, acaba por ter um efeito de normalização das adversidades e facilitar ao longo de todo o processo.

“O talento vence jogos, mas só o trabalho em equipe ganha campeonatos.”

Michael Jordan

3.6. Professor Cooperante

O papel do PC assumiu um papel de extrema importância ao longo de todo o ano letivo, transmitindo a orientação, ajuda, suporte e conhecimentos necessários ao meu crescimento e desenvolvimento. Deu-me liberdade para exercer e pôr em prática os meus métodos e estratégias sendo que posteriormente fazíamos uma reflexão sobre o que correu bem e o que poderia ter corrido melhor. Segundo Azevedo (2012), a supervisão se for reforçada com o incentivo para melhorar a capacidade de refletir, pode representar uma importante estratégia de confirmação da autonomia profissional dos professores, de construção e desenvolvimento do conhecimento profissional e também da melhoria da qualidade do ensino.

Além disso, ajudou imenso na minha integração com a comunidade escolar. Segundo Francisco (2001) os professores cooperantes, são extremamente importantes, pois a supervisão exige a clareza conceitual embasada numa relação entre “supervisor e supervisionado” via processo de ajuda, orientação e colaboração num clima relacional positivo; pautada num trabalho metodológico variado decorrente de uma série de atividades que venham ao encontro das necessidades dos estagiários num determinado momento do processo, por meio de um procedimento avaliativo permanente e global.

3.7. Professora Orientadora

Citando Batista et al. (2014, p.355) “A par do orientador local (atualmente designado de Professor Cooperante), que se encontra no contexto escolar, o supervisor da instituição de ensino superior (presentemente denominado de orientador da faculdade) também assume a responsabilidade pela formação de futuros professores.”

Na primeira reunião que tive com a PO, a mesma deixou claro, que o EE seria aluno da PO e não do PC, que qualquer problema, adversidade, mau estar que tivéssemos, para recorrermos a sua ajuda. Isto foi importante para perceber o seu papel ao longo do ano, assim como saber que não estaríamos sem apoio. Ao longo do ano tivemos reuniões com a PO para esclarecer dúvidas e partilhar as nossas experiências, foi enriquecedor perceber as vivências de outros NE e ver que apesar de contextos diferentes, algumas dificuldades e adversidades eram transversais, assim como ver que existiam diferentes soluções para essas mesmas dificuldades.

Ao longo de todo o ano, a PO fez visitas a escola e presenciou algumas aulas dadas pelo EE, não com o sentido de fazer uma avaliação formal ao não desempenho do EE, mas sim de acompanhar a nossa evolução e desenvolvimento.

Segundo Vieira (1993), o papel fundamental de supervisão pedagógica dos professores formadores da universidade, responsáveis pelos estágios, que exercem na preparação dos estagiários futuros professores, na medida que este trabalho propicia um ambiente formativo em que os estagiários utilizam os conhecimentos teóricos aprendidos na Formação Inicial em situações concretas de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que também potencializam novos conhecimentos profissionais.

Numa fase final, foi fundamental na construção do RE, através da partilha do seu conhecimento, onde se mostrou sempre disponível para ouvir a minha perspetiva e ajudar na justificação da mesma.

3.8. A minha primeira turma

O PC deu a escolha duas turmas, um 7º ano e um 11ºano, onde em diálogo com a minha colega, decidimos, que eu ficaria com o 11º ano e ela com o 7º ano.

Logo no início foi feita uma caracterização da turma, onde pretende-se conhecer um conjunto de aspetos importantes sobre os alunos, quer a nível escolar, quer a nível social e pessoal. A recolha dos dados permite adaptar as estratégias a utilizar de modo a melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Com o objetivo de tornar o processo de ensino aprendizagem o mais individualizado possível, foi feito um questionário, que foram preenchidos pelos alunos.

O questionário foi feito de forma a recolher informação sobre os seguintes aspetos: dados biográficos; ocupação de tempos livres; escola; futuro; saúde; prática desportiva. De referir que apesar da turma ser composta por vinte e três elementos, apenas treze elementos responderam. Isto acontece devido a diversos motivos, alunos que abandonam a escola, mudança de escola e turma.

Esta caracterização é relevante, no sentido, de termos acesso a dados importantes dos alunos, em que ficamos a conhecer um pouco mais sobre os alunos e sobre a turma. Com estes dados, enquanto professores, conseguimos que a nossa atuação seja mais enquadrada com a turma e com os alunos, sabendo um pouco sobre as qualidades e dificuldades da turma, conseguimos adaptar a nossa atuação e a facilitar o processo de ensino aprendizagem.

A turma pertencia a um curso profissional de Desporto, era composta por 23 alunos, 16 rapazes e 7 raparigas. No entanto, muitos alunos abandonaram a escola ou nunca apareceram a nenhuma aula e não foi possível recolher qualquer informação destes alunos. Por esse motivo dos 23 alunos,

maioritariamente apenas 12 compareciam regularmente as aulas e foi possível recolher informações. Dos 12 alunos, 7 eram rapazes e 5 raparigas. Tinham a idade compreendida entre os 15 e 18 anos.

Relativamente a questões de saúde, apenas um aluno tinha asma, esta informação é importante, no caso de o aluno ter uma crise asmática durante a aula, estar ao corrente da situação e saber como proceder.

Todos os alunos gostam e praticam diversas modalidades coletivas sendo que a disciplina favorita é E.F e Animação e Lazer. Esta informação é importante, pois quando os alunos não gostam da disciplina de EF é necessário perceber os motivos, para que possamos definir possíveis estratégias pedagógicas, que tenham como propósito que os alunos ganhem interesse e que promovam a adesão dos alunos às aulas de EF. Visto que a EF é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento e a formação de hábitos saudáveis que os alunos(as) poderão adotar ao longo de suas vidas, visando o bem-estar e a qualidade de vida. Sendo uma turma de curso profissional de Desporto, faz sentido que os alunos tenham mais gosto por disciplinas mais prática e menos por disciplinas menos práticas e mais teóricas. Um dos motivos para que isto acontece pode ser o fato que os alunos gostam de estar mais em movimento, tenham dificuldades de concentração, não gostem de estudar.

Após o primeiro conselho de turma, também foi possível retirar algumas informações relevantes sobre a turma, em que são alunos pouco pontuais e assíduos, alguns alunos pretendiam abandonar a escola, trata-se duma turma com pouco empenho e interesse. Também foi fornecido um documento pelo PC sobre uma análise de cada aluno, recolhida através de anos transatos, na análise continha as suas dificuldades e alguns traços de personalidade

Com estas informações de antemão, foi possível conhecer um pouco do contexto que iria ter, onde o objetivo passava por os alunos se sentirem motivados para as aulas e sentirem prazer nas mesmas. Como consequência disso, esperava-se que fosse possível reduzir o abandono escolar, ajudar a que os alunos alcançassem os seus objetivos escolares e que terem aprendizagens importantes sobre as diversas modalidades que iriam ser lecionadas.

Após o primeiro contacto com a turma, soube que iria ter algumas dificuldades. Os alunos eram pouco motivados e sem grande interesse na aprendizagem, o que me causou alguma estranheza, uma vez que estavam num curso de Desporto. Com o tempo apercebi-me que apenas estavam no curso de Desporto para concluir o 12ºano, e sendo um curso mais prático que os restantes, com menos disciplinas teóricas e com a possibilidade de não fazerem exames nacionais, os alunos optaram pelo curso por esses motivos. Além disso, devido à irregularidade das presenças, obrigou a uma constante adaptação dos planos de aula, pois era rara a aula onde os alunos estavam todos presentes. Estas adversidades acabaram por me fazer crescer e aprender, por ter de estar a arranjar novas estratégias e tentar ser inovador

Curso Profissional de Desporto

Devido ao meu pouco conhecimento sobre o funcionamento do ensino profissional, procurei obter algumas informações sobre as suas diferenças e particularidades. Logo no início fiquei um pouco surpreendido, devido à pouca flexibilidade a nível curricular, ou seja, os módulos estão pré-determinados e não existe a possibilidade de alteração das modalidades correspondentes aos módulos.

Este fator trouxe-me alguma dificuldade, uma vez que apenas existia uma modalidade coletiva e cinco modalidades individuais. Devido a ter um conhecimento mais aprofundado sobre as modalidades coletivas, tive de aumentar os meus conhecimentos sobre as modalidades individuais que iria lecionar.

Outra condicionante que tive, foram os alunos não demonstrarem interesse, nem envolvimento nas aulas correspondentes às modalidades individuais. Eram alunos competitivos, e na modalidade coletiva implementei exercícios competitivos o que fazia com que os alunos se sentissem motivados. Nas modalidades individuais tentei fazer o mesmo, mas os alunos não se sentiam

motivados e empenhados, o que acabou por dificultar e condicionar as minhas estratégias.

Isto ficou visível no módulo de ginástica, em que apenas tinha no máximo quatro alunos por aula, o que dificultou todo o processo e constantes adaptações. Na minha opinião, foi onde tive insucesso, não consegui apresentar um ensino de qualidade e sinto que os alunos não aprenderam aquilo que deveriam ter aprendido. O módulo seguinte foi dança, o que fez com que eu ficasse um pouco apreensivo, depois de ter tido insucesso iria dar o módulo que me sentia menos preparado, uma vez que era onde não possuía tantos conhecimentos sobre os conteúdos.

Refleti bastante sobre o que não correu bem no módulo de ginástica de forma a não repetir os mesmos erros e em dança adotei uma estratégia que teve sucesso e acabou por ser dos módulos que correram melhor. Usei muito a negociação com os alunos, ou seja, depois de alcançar os objetivos de cada aula, tinham um tempo reservado no fim para praticarem a modalidade que mais gostavam. Isto fez com que os alunos participassem mais as aulas, estivessem mais empenhados e mais motivados, sendo que durante as aulas salientava que se os objetivos não fossem alcançados não teriam tempo para praticar a modalidade que queriam.

Em forma de conclusão, foi importante ter dado aulas a uma turma do curso profissional, uma vez que enquanto futuros professores temos de estar preparados não só para o ensino regular, mas também para o ensino profissional.

Além disso, penso que deveria existir uma maior articulação entre a disciplina de EF com as restantes disciplinas do curso profissional, algo que não acontece e poderia trazer vantagens aos alunos, ao ensino e a sua formação, uma vez que são disciplinas que estão interligadas e a articulação entre todas seria algo bastante positivo.

Algo que retiro, a nível do meu desempenho, é refletir sobre os erros que cometemos e implementar novas estratégias que originem mais sucesso e um

melhor desempenho enquanto professores. Nesse sentido, penso que foi importante olhar para o erro duma forma produtiva e não desmotivar com os erros, procurando novas soluções e estratégias. Foi importante no meu crescimento, não estar na minha zona de conforto, o que me obrigou a ter uma capacidade de adaptação e resiliência perante as adversidades.

3.9. Os diabretes do 7º

Como referi, a minha colega assumiu a turma do 7ºano.

Ao longo do ano letivo assisti a todas as aulas lecionadas pela minha colega do NE.

Esta turma, em particular, foi considerada uma das turmas mais complicadas de toda a escola. Tinha alunos bastantes problemáticos que manifestaram comportamentos menos corretos e de desobediência que acabavam por surgir durante as aulas. Na maioria das semanas, um ou mais alunos eram suspensos pelos seus comportamentos, não havia grande preocupação, nem acompanhamento por parte dos familiares, o que também não ajudava aos alunos a aprenderem com os seus erros. Existiram episódios de violência, de desobediência perante a minha colega, falta de educação constantes, o que levou a dois caminhos opostos. O primeiro, foi de frustração, impotência, o que seria possível fazer com esta turma? Seria possível ter uma aula minimamente normal? O segundo caminho, foi olhar para a experiência e retirar muitas aprendizagens perante contextos mais complicados e obter uma capacidade de superação de forma a atingirmos os nossos objetivos.

Com o passar das aulas fui conhecendo melhor as histórias de vida dos alunos, o seu contexto e fui refletindo sobre os problemas da turma, da escola. Nesse tempo senti que, se por um lado a escola e os professores tentavam desenvolver a formação do aluno, em casa acontecia exatamente o oposto, e por isso as possibilidades de obter os objetivos definidos seriam sempre improváveis de alcançar. O problema acaba por ser muito mais profundo, tratando-se dum problema estrutural da nossa sociedade.

Será possível que os comportamentos desviantes dos jovens sejam consequência do meio onde estão inseridos? Esse meio e ambiente onde crescem não é possível ser desenvolvido? O investimento nas zonas mais precárias da cidade é suficiente? Não existe uma resposta simples. No entanto, na minha opinião, seria importante adotar algumas medidas que pudessem criar uma maior promoção da igualdade social. Por exemplo, criar mais incentivos no ingresso dos alunos no ensino superior e a isenção total das propinas. Isto poderia originar num aumento de pessoas mais formadas e mais capacitadas para empregos mais qualificados e com salários mais atrativos, o que poderia originar numa evolução dos meios mais precários. Uma outra medida importante a adotar seria a prevenção e intervenção nestes casos, desde cedo, com uma intervenção mais ativa dos serviços sociais.

4-Realização da Prática Profissional

4.1 Área 1- Organização e Gestão

Esta área engloba as tarefas de conceção, planeamento, realização, avaliação decorridas ao longo de todo o RE. Tem como objetivo uma reflexão profunda sobre a atuação, a planificação e participação durante o período do EP. A área do desenvolvimento profissional abrange atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, promovendo a identidade profissional, a inovação, reflexão e a colaboração (Matos, 2009).

Ao longo de todo o processo, fomos realizando tarefas imprescindíveis para exercer a profissão, onde se destacam: o planeamento (anual, UD e aula), realizar a observação das aulas da minha colega de NE e do PC, a elaboração de reflexão final de cada aula, da UD e das observações feitas, a participação nos conselhos de turma, reuniões do departamento curricular e do grupo disciplinar, a construção e a manutenção dum portfólio.

4.1.1. Planeamento Anual

Bento (2003) inúmera três níveis do planeamento, antecipatórios à ação educativa: anual, unidade didática e plano de aula.

O PA consiste no primeiro nível de planeamento que o EE deve realizar. Assume uma perspetiva global e pouco específica, servindo como uma diretriz geral para todos os planeamentos seguintes. Facilita a elaboração das UD, os conteúdos a abordar e o plano de aula. Com o PA ficamos com o conhecimento de que modalidades vamos lecionar, o número de aulas em cada modalidade. Numa fase inicial do ano é fundamental, uma vez que dá uma referência temporal. No entanto podem surgir alterações e adaptações do PA ao longo do ano, devido a imprevistos, ou a adaptar melhor os conteúdos às características dos alunos.

O documento foi fornecido pelo PC e que analisei com todo o cuidado. Tratando-se duma turma do ensino profissional existem algumas diferenças importantes de salientar: primeiro o número de aulas para cada modulo é fixo, mesmo que essa aula não seja lecionada quando está prevista terá de ser repostas; segundo as modalidades não são repartidas ao longo dos períodos, mas sim por módulos.

Estas diferenças fizeram que logo no início eu verificasse se existiam aulas em dias de feriados, de modo a estar prevenido em relação a todo o planeamento

No entanto logo na primeira aula tive o primeiro contratempo.

“Nesta aula surgiram imprevistos devido ao Covid-19, por isso tive de adiar a aula e não foi possível realizar a avaliação diagnóstica de voleibol e consequentemente o plano de aula previsto para a respetiva aula. Para contextualizar a situação, a escola secundária do Cerco possui dois pavilhões (G1 e G2). A aula teria espaço no G2, mas devido a uma funcionária ter contraído Covid-19 e ter estado em contacto com outras funcionárias (e por isso estarem em quarentena), a escola teve falta de funcionários e não havia funcionários para abrir o espaço designado (G2). Devido a falta de balneários disponíveis no G1, não foi possível ser designado um balneário a turma.”

(Reflexão da aula 1, dia 17 de setembro de 2021)

Este tipo de situações foi ocorrendo ao longo do ano, o que exigiu uma constante adaptação de todo PA, UD e no plano de aula.

Foi importante ter ganho a noção de que, além de ter um PA estruturado, é crucial ter a capacidade de ir adaptando o mesmo conforme ao surgimento de imprevistos e não ficar preso ao que estava estipulado inicialmente.

4.1.2. UD

Uma vez delineado o PA, comecei com a segunda parte do planeamento, a elaboração da UD.

O conteúdo e a estruturação das unidades didáticas são determinados pelos objetivos, indicações das matérias e linhas metodológicas dos programas e do PA, procurando garantir a sequência lógica e metodológica da matéria e organizar as atividades do professor e dos alunos, regulando e orientando a ação pedagógica ao conferir às diferentes aulas um contributo claro para o desenvolvimento dos alunos (Bento, 1998).

O planeamento da UD não deve dirigir-se preferencialmente para a matéria, mas sim para o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos, devendo, sobretudo, explicitar as funções principais assumidas naquele sentido por cada aula (Bento 1987).

Como referi anteriormente em relação ao PA, a UD pode sofrer ajustes e alterações ao longo do tempo por fatores que podem condicionar a sua realização, por exemplo, ser demasiado ambicioso em relação aos conteúdos que vamos abordar e não ter em atenção a evolução os alunos face ao que estava inicialmente estipulado.

Num primeiro momento, antes de elaborar a UD para cada modalidade, tive em atenção o espaço que iria ter e os materiais disponíveis. Belotti e Faria (2010) defendem que devemos conhecer o aluno para que nos seja possível oferecer atividades que estejam de acordo com o seu desenvolvimento. Algo que me ajudou na elaboração da UD, foi ter realizado a AD antes, uma vez que me permitiu averiguar o nível que se encontrava a turma relativamente a cada módulo e modalidade.

Na elaboração da UD recorri a grelha de Vickers (1990), onde era composta pelas habilidades motoras, conceito psicossociais, cultura desportiva e regras.

Surgiram algumas questões.

“Vou começar a elaborar a primeira unidade didática deste ano letivo relativamente ao voleibol. Tenho de ter em atenção na sua elaboração e fazer uma reflexão sobre algumas perguntas: Quando vou introduzir determinado conteúdo? Qual a sequência de conteúdos? Quando os alunos irão consolidar os conteúdos?”

(Reflexão da aula 1, dia 17 de setembro de 2021)

Estas perguntas foram importantes, uma vez que me obrigaram a uma reflexão profunda na construção e elaboração da UD para cada modalidade. Sempre que lecionava uma aula, recorria à UD, de forma a perceber se era necessário adaptá-la conforme a evolução dos alunos. Por exemplo, na modalidade de

voleibol tinha previsto que os alunos iriam consolidar mais cedo a manchete, algo que não se verificou. Por isso tive de ter em atenção que a consolidação acabou por se dar mais tarde e adaptar a UD.

Tive em consideração, sabendo de antemão o contexto da turma, incluir os conceitos psicossociais em todas as aulas.

4.1.3. Plano de aula

O plano aparece como a terceira e última área no planeamento do professor. Comparativamente ao PA, é um planeamento muito mais detalhado e específico. Bento (2003) refere que não se pode planear e elaborar uma aula sem se ter em consideração o plano anual e o da UD. De acordo com Rink (2014) o plano de aula é um guião no processo de ensino baseado nos objetivos que foram determinados durante a construção da unidade didática.

O plano de aula deve estar estruturado em três partes: Parte Preparatória; Parte Principal e Parte Final (Bento, 2003).

O plano de aula deve ter alguns conteúdos fundamentais, entre eles as funções didáticas e os objetivos a serem alcançados. Sendo que nas três partes, referidas anteriormente, deve ser especificado o conteúdo que vai ser lecionado, o objetivo comportamental, a disposição dos alunos, o feedback e o tempo pretendido para cada conteúdo.

Na parte inicial, que acabou por ser similar ao longo de todo o ano letivo, era composta pelo registo das presenças e um diálogo inicial com os alunos sobre os objetivos da aula. Na parte fundamental, era constituída pelos exercícios a concretizar e com o cumprimento do objetivo e funções didáticas da aula ao longo da aula, foi a parte que exigiu da minha parte uma maior pesquisa e conhecimento dos conteúdos de cada modalidade, em que tive de ter especial atenção à progressão, sequência e componentes críticas dos exercícios. E por fim, a parte final, que também foi similar ao longo de todo ano, em que se destinava ao esclarecimento de possíveis dúvidas.

No início do ano, o NE acordou com PC que iríamos enviar o plano de aula com 48 horas de antecedência, haver tempo para fazer possíveis correções ou alterações conforme as indicações do PC. Algo que também foi mencionado pelo PC e que aprendi, foi a importância de, ao elaborar o plano de aula, este ser entendível por qualquer pessoa que o leia.

“Na aula, houve bastantes alunos que não estavam disponíveis (por diversos motivos) e não realizaram a aula. Apenas cinco alunos realizaram a aula. Posto isto, tive de adaptar a aula devido a esse motivo, a adaptação correu bem, a aula estava dividida por estações, a sequência das estações estava correta, assim como a sua organização, os alunos tiveram bastante empenhamento motor e houve alguma evolução no rolamento á frente.”

(Reflexão da aula 15, dia 21 de janeiro de 2022)

“Senti dificuldade em relação ao plano de aula hoje e não consegui cumprir todos os exercícios que tinha planeado para a aula, os alunos também revelaram pouco empenhamento motor. Uma possível solução passa por reduzir o número de exercícios para aula e aumentar o seu tempo de exercitação.”

(Reflexão da aula 7, dia 21 de novembro de 2021)

Tal como nos planeamentos anteriores, não é um planeamento rígido e pode sofrer alterações. Por muito bom que seja o planeamento, ele está suscetível a fatores externos para ter êxito. Isto exige da nossa parte uma atenção redobrada a esses fatores para que possamos adaptar a aula de forma a termos êxito. Existem sempre situações que ocorrem e que não estavam previstas no nosso planeamento, como por exemplo: as condições meteorológicas, o número de alunos que comparecem à aula, perda de tempo na transição ou na gestão da aula. No entanto, quando fazemos qualquer adaptação ao plano de aula, devemos ter em mente que não devemos desviar do objetivo principal da aula, ou seja, as adaptações devem servir o propósito que tínhamos delineado para a aula em questão.

4.1.4. Realização do Ensino

4.1.4.1 Primeiro Contacto e Primeira Aula

Chegou então o tão aguardado momento para conhecer e apresentar-me aquela que seria a minha primeira turma e que iria acompanhar o resto do ano letivo. Acompanhado pelo PC e pela minha colega de estágio, entramos na sala de aula, e aos poucos os alunos foram chegando. O PC fez uma breve apresentação e deu-me a palavra, onde fiz uma breve apresentação sobre o meu percurso até chegar ao EP, e em seguida os alunos fizeram a sua apresentação.

Na semana seguinte, lecionei a minha primeira aula

“Foi a primeira aula onde exerci a função de professor, por este motivo, sentia-me um pouco nervoso e ansioso. À posteriori refleti se esses sentimentos seriam medos ou inseguranças, e deveu-se ao fato de estar expectante como iria correr, de querer fazer as coisas bem feitas e por isso considerei normal sentir-me assim, no fundo, foi uma preocupação de que aula corresse bem.”

(Reflexão da aula 3, dia 1 de outubro de 2021)

No entanto, com o passar dos minutos, fui sentindo-me cada vez mais à vontade, o que acabou por facilitar todo o processo.

Devido a ser a avaliação diagnóstica, tive algumas dificuldades, principalmente em relação a saber o nível em que cada aluno se encontrava, isto deveu-se a grelha de avaliação ser pouco específica e acabou por dificultar o processo de avaliação e enquadrar cada aluno em determinado nível.

“No entanto, houve algumas situações de comportamentos mais desviantes dos alunos que os chamei a atenção e os corriji. A estratégia que encontrei foi formar equipas diferentes e repreender alguns tipos de comportamentos, como chutarem a bola ou amuarem devido a estarem a perder e começarem a reclamar com os colegas de equipa.”

(Reflexão da aula 5, dia 8 de outubro de 2021)

As estratégias que adotei foram positivas e acabaram por surtir efeito, principalmente com a mudança das equipas.

No fim da aula reuni-me com o PC e NE, onde fizemos uma reflexão sobre a minha atuação. Ficou perceptível que no início da aula senti algum desconforto e insegurança e isso manifestou-se através de adotar uma postura corporal mais fechada, assim como o meu posicionamento, que por vezes não era o ideal, uma vez que ficava numa posição em que não conseguia observar a turma toda.

Ao sair da escola, senti algo muito positivo, um sentimento de realização enorme e confirmei que de fato é a profissão que realmente quero exercer. Deixou-me bastante motivado para encarar o ano letivo com determinação e com imensa vontade de aprender e corrigir os erros que cometi nesta aula. Este primeiro contacto com os alunos foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes do EP e da minha vida profissional.

4.1.4.2 Relação com a turma

Após o primeiro contacto e da primeira aula com a turma, ficou perceptível alguns traços de personalidades dos alunos. Quem eram os mais tímidos, os mais inquietos, os mais conversadores, os mais interessados e empenhados.

Ficou evidente que não seria uma turma fácil, que seria um enorme desafio. A maioria dos alunos não revelava interesse na aula, nem se sentiam motivados para aprenderem.

Desde o início, que tentei ter o respeito da turma e ter o controlo da mesma, para isso adotei uma postura mais exigente e chamava imediatamente a atenção para qualquer comportamento que eu considerava incorreto. Ao mesmo tempo, sempre me mostrei para ajudar os alunos, independente da dificuldade ou adversidades que achessem, nunca esquecendo o respeito que deveria existir entre professor-aluno.

Com o tempo e à medida que ia conhecendo melhor cada aluno, acabou por se estabelecer, duma forma natural, uma relação de maior confiança e proximidade.

Ao conhecer melhor cada aluno, também facilitou na forma de como abordar cada um deles face à sua personalidade. No entanto, um dos obstáculos que tive, foi a irregularidade da presença dos alunos, o que fez com que a minha relação com alguns dos alunos demorasse mais tempo a ser desenvolvida e a conhecê-los melhor.

4.1.4.3 Gestão e organização da aula.

Arends (1995, p. 74), cit in Carita e Fernandes (1997) define gestão de aula como os modos como os professores organizam e estruturam as suas salas de aula, com o propósito de maximizar a cooperação e o envolvimento dos alunos e diminuir os comportamentos disruptivos.

Ao longo do primeiro ano do mestrado, vários professores salientaram a importância duma boa gestão e organização da aula. Foram propostas algumas estratégias para otimizar o empenhamento motor dos alunos, assim como diminuir o tempo de transição de um exercício para o exercício seguinte.

Ao longo do ano, apliquei essas mesmas estratégias com sucesso. Numa primeira fase, chegava sempre mais cedo à aula, de forma a verificar o material, ou se não tivesse o material que iria necessitar, adaptar com o material disponível. Verificava o espaço que tinha disponível, assim mal os alunos chegassem à aula, não existia perda de tempo a ir buscar material ou a preparar o primeiro exercício.

No planeamento da aula, tinha em atenção a sequência dos exercícios, ou seja, tentava, sempre que possível, na transição de exercícios utilizar o mesmo espaço e o mesmo material, de forma a evitar perdas de tempo nas transições. Por último, ao formar as equipas tentava manter essas equipas ao longo de toda a aula, a não ser que as equipas designadas não tivessem um comportamento adequado, ou não estivessem empenhados suficiente.

Durante a fase inicial da aula, uma vez que eram poucos alunos, evitava fazer a chamada, onde à medida que os alunos iam chegando tomava nota na grelha quem estava presente e quem estava a faltar.

Estas estratégias permitiram-me antecipar possíveis imprevistos e diminuir os tempos de transição dos exercícios, o que teve como consequência um maior empenhamento motor durante a aula, uma melhor organização e gestão de cada aula. Como constata Rink (2014), quanto mais tempo os alunos passam na realização de tarefas apropriadas, o mais provável é de alcançarem resultados.

Tentei inculcar uma rotina de trabalho com os alunos, com regras claras e objetivas, de forma a aumentar a produtividade das aulas. Segundo Siedentop (2011) a gestão eficaz da aula depende do desenvolvimento de uma série de rotinas que os alunos aprendem e aplicam durante as aulas.

Numa fase inicial, devido aos atrasos constantes e faltas dos alunos, tive bastante dificuldade na adaptação. Com o passar do tempo e ao ter cada vez mais experiência, tornou-se cada vez mais fácil adaptar a aula.

No módulo de ginástica em específico, a organização e gestão da aula tornou-se extremamente difícil. Cometi o erro de dar demasiada atenção aos alunos que não faziam a aula, devido aos seus comportamentos, o que acabou por prejudicar a organização e gestão da aula.

No módulo seguinte, dança, tive em atenção a esse aspeto e apesar de não me sentir tão conhecedor dos conteúdos que iria lecionar neste módulo, a organização e gestão da aula foram melhores, acabando por ser um dos módulos que correu melhor. Para isso contribuiu ter o meu foco em quem fazia a aula, não descurando comportamentos menos corretos de quem não fazia a aula, no fundo consegui ter um maior equilíbrio e com isso consegui ter um maior êxito.

4.1.4.4 Instrução

Durante o processo de instrução, somos responsáveis por inúmeras tarefas durante a aula, onde se destacam: avaliar, supervisionar, adaptar, comunicar. Durante a realização destas tarefas, os alunos desempenham um papel ativo e central, uma vez que todo o processo de ensino-aprendizagem está centrado neles. A instrução caracteriza-se pela forma como interagimos com os alunos e

como transmitimos os conteúdos, onde se incorpora todos os comportamentos verbais e não verbais.

Dificuldades

Numa fase inicial apresentei dificuldades no tempo de instrução, perdia demasiado tempo, o que originava que as aulas tivessem menos densidade motora, e que os alunos não tivessem tempo para melhorar as suas habilidades técnica/tática durante o jogo. Além disto, apercebi-me que ao usar demasiado tempo na instrução, os alunos acabavam por distrair-se e não estavam tão concentrados.

“Em relação as primeiras aulas, não perco tanto tempo na comunicação e na instrução o que faz com que a densidade motora seja maior e a evolução dos alunos também. Nesta turma acaba por ser revelar particularmente importante e sinto essa diferença, ou seja, no início ao perder demasiado tempo na comunicação, correção de comportamentos e explicação dos exercícios, a densidade motora era menor e os alunos não estavam tão envolvidos nas aulas.”

(Reflexão da aula 9, dia 18 de novembro de 2021)

Demonstração

De acordo com Barreiros (2016), a demonstração e instrução são duas vertentes da mesma função para transmitir a informação para o aluno. A demonstração acaba por permitir aos alunos terem uma representação visual daquilo que nós pretendemos que eles executem.

De acordo com Rosado e Mesquita (2009) a demonstração deve ser feita, sempre que possível, pelos praticantes, pelo seu efeito de modelação comportamental. Ao usar o aluno para a demonstração, liberta o professor para possíveis correções dos alunos que estão a executar a demonstração, permite a utilização do feedback que ia de acordo com o objetivo pretendido e os alunos acabam por interiorizar as componentes críticas dos exercícios. Senti que ao usar esta estratégia, para além de facilitar o controle da turma e certificar-me que

todos os alunos estavam atentos, verifiquei que os alunos se sentiam mais incluídos no processo de ensino-aprendizagem, o que originava que se sentissem mais motivados e empenhados.

Ao longo da aula, também considerei vantajoso usar o questionamento, de forma a promover a participação dos alunos e o perceberem quais os objetivos a alcançar, verificar o seu nível de conhecimento e trabalharem a sua capacidade de refletir.

No início os alunos tinham dificuldade em expor-se, sentiam alguma vergonha, tinham medo de errar e possuíam algumas inseguranças. Para que os alunos se expusessem mais, tentei sempre demonstrar aos alunos que estavam num espaço seguro e mostrar que o erro faz parte de qualquer processo e que não deve ser inibidor. Assim, ao longo do tempo, os alunos foram-se sentindo cada vez mais à vontade e conseguiram ultrapassar essas barreiras, o que também fez que ganhassem mais confiança em si próprios e aumentassem a sua autoestima.

Importância da Comunicação

A comunicação embora pareça algo simples e até básico, é algo complexo. Temos de ter em conta que a comunicação é a base de qualquer relação humana. Considerando que o professor é um agente transmissor de conhecimento e de aprendizagens, exige que tenha em consideração a forma como se expressa aos alunos. Existem diferentes formas de comunicação, a paralinguagem (volume de voz, articulação, entoação), a linguagem não-verbal (expressões faciais, contacto visual, entusiasmo) e a coerência entre mensagens verbais e não-verbais (Mesquita, 2013).

Como referi, uma das principais dificuldades que senti deveu-se à minha linguagem não-verbal, ao ter uma postura corporal fechada, devido a sentir algum nervosismo, ansiedade e acabava por surgir de forma inconsciente. Outro obstáculo na minha comunicação prendeu-se com uma comunicação demasiada extensa. Como consequência, a mensagem que tentava passar aos alunos não era eficaz.

À medida que o tempo passou, através da observação de outras aulas, de constantes reflexões e pelo esforço em aprender mais e obter mais conhecimento sobre os conteúdos que iria lecionar, assim como uma seleção de exercícios mais ajustados ao nível dos alunos, comecei a sentir-me mais seguro e mais confiante, o que acabou por se manifestar diretamente na minha comunicação. A minha postura corporal foi sendo cada vez mais aberta e positiva. E durante a comunicação, com a prática e utilização dum discurso mais assertivo, claro, objetivo e com o uso de palavras-chave, a transmissão da mensagem aos alunos tornou-se cada vez mais eficaz.

Refletindo agora, penso que o acumular de experiência, mas refletindo individualmente e em núcleo de estágio sobre ela, e o desenvolvimento da relação com os alunos ajudaram a ultrapassar estas dificuldades. Esta evolução teve um impacto na própria aula, quer na instrução, na comunicação e no processo de ensino-aprendizagem. A minha evolução na instrução e na comunicação fez com que os alunos adquirissem e retessem mais conhecimento e adquirissem aprendizagens, ou seja, pela minha experiência que tive ao longo do ano senti que existe uma correlação entre uma comunicação eficaz com um aumento de aprendizagens dos alunos e uma maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

4.1.4.6 Observação e reflexão

Ao longo do ano letivo, cada EE teve de observar as aulas do seu colega e do PC. Esta tarefa deu a oportunidade de obter aprendizagens significativas e importantes no nosso desenvolvimento. A observação das aulas justifica-se, pois, “a prática de ensino em situação de sala de aula constitui o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor”. (Amaral et al., 1996, p. 109).

A observação das aulas da minha colega foi benéfica, no sentido de poder analisar e refletir sobre a sua atuação duma forma crítica, enquanto utilizava as aprendizagens e reflexões na minha atuação e planeamento das aulas. Retirava bastante informações sobre os exercícios utilizados, onde procurava os aspetos positivos e negativos e como podiam ser melhorados, e se possível, serem

integrados no meu plano de aula. O que fez com que aumentasse o meu leque de opções que não seriam possíveis se não tivesse observado as aulas da minha colega.

A observação da atuação do PC foi relevante, de forma a ter pela primeira vez a oportunidade de observar de perto um profissional em ação e obter mais conhecimentos através de alguém mais experiente. As sucessivas observações eram acompanhadas pelo explorar o ato da reflexão, o que permitiu ter uma atitude de permanente questionamento.

O ambiente que foi criado ao longo de todo ano foi excelente. Existiu uma partilha constante dos nossos medos, dificuldades e êxitos. Houve sempre uma entreajuda, o que permitiu estar envolvido no trabalho da minha colega e vice-versa.

Ao longo do EP, o PC pediu a entrega da reflexão quer da nossa aula, quer da observação da aula da colega. Não o fazia de forma imediata, pois considerava que era importante ter uma reflexão ponderada e era necessário ter um distanciamento do momento da ação para ter uma reflexão objetiva.

Durante a minha formação foi salientado diversas vezes a importância do ato de refletir. Esta ideia ainda foi mais reforçada durante o EP, pois era necessária uma reflexão profunda sobre todo o processo. Acabou por acontecer duma forma natural. Rodrigues (2009) dá especial importância à reflexão como ferramenta central desde o início da nossa formação profissional.

Alarcão (1996) afirma que a reflexão posterior à aula é a base para conseguirmos reajustar as próximas aulas, proporcionando uma definição mais precisa sobre o nível de partida, procedendo a balanços que devem ser tidos em conta na futura planificação e organização do ensino. A reflexão sobre o todo o processo, permitiu-me analisar as minhas escolhas e posteriormente sobre minha ação e o que poderia fazer para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspeto importante foram as reuniões após as aulas, onde o NE em conjunto com o PC refletíamos em conjunto sobre a atuação de cada um, os aspetos positivos, negativos, a organização e gestão da aula. Foi importante obter uma opinião diferente de pessoas que estavam de fora e obter novas

perspetivas. Azevedo e colaboradores (2014) referem a reflexão oral como vantajosa para o EE, uma vez que este é questionado e a análise é enriquecida por uma perspetiva exterior. As reuniões pós aula começavam sempre com uma autoanálise, onde tentei sempre ter uma perspetiva aberta e critica em relação a mim mesmo, às minhas decisões e atuações. Isso permitiu verificar onde residiam as minhas principais lacunas e obter estratégias para melhorara-las.

Concluindo, o EP obrigou-me de forma quase inconsciente a adotar uma postura reflexiva. E entendi que o professor nunca será completo se não refletir sobre todo o processo de ensino, de forma a questionar-se permanentemente para encontrar as melhores soluções para o processo de ensino-aprendizagem e na sua própria formação.

4.1.4.7 Avaliação

A avaliação permite averiguar o nível do aluno, e da turma, e atuar sobre ele, sendo o principal propósito estar ao serviço da melhoria das aprendizagens do ensino. Segundo Aranha (1993), a avaliação é um processo sistemático em que se verifica se os objetivos delineados foram ou não atingidos pelos alunos e se as estratégias adotadas foram as mais adequadas ao seu contexto de aprendizagem. Não deve ser encarada como um processo isolado, deve ser visto como um processo contínuo e não deve ser vista numa perspetiva unidirecional, apenas centrada no aluno, uma vez que possibilita ao professor alterar as suas estratégias. No início do ano tive algum receio relativamente à avaliação, uma vez que senti que era uma das lacunas que possuía, tinha dificuldade em perceber como poderia avaliar os alunos de uma turma inteira num curto espaço de tempo. Abordei esta minha dificuldade com o PC, que me transmitiu que deveria traçar critérios de êxito bem delineados e definidos, que iriam facilitar o processo de avaliação. Em seguida irei focar-me essencialmente em dois tipos de avaliação: a Avaliação Diagnóstica e a Avaliação Sumativa.

Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica (AD) ocorre, por norma, na fase inicial do ano letivo ou no início da UD. É uma ferramenta útil, que nos traz informações relativamente as competências, habilidades e conhecimentos dos alunos de uma modalidade ou matéria. Este conhecimento vai ser essencial para orientar o processo formativo e determinar os seus objetivos, bem como a progressão dos conteúdos possíveis de abordar (Mesquita, 2013). Através destas informações conseguimos ver os pontos fortes e dificuldades de cada aluno, antes de iniciarmos a UD e o processo de ensino-aprendizagem.

“Consegui cumprir o que tinha estipulado para aula, mas tive algumas dificuldades na avaliação diagnóstica, uma vez os critérios de êxito estavam pouco específicos e acabou por dificultar todo o processo da avaliação. O que ocorreu foi por exemplo, um aluno com determinado colega conseguia cumprir os critérios de êxito, mas com outro colega já não cumpriu. Isto levantou em mim a dúvida se de fato ele cumpriu ou não com os critérios de êxito. Uma boa estratégia a adotar no futuro, passa por exemplo, quantas vezes tem de cumprir determinado critério de êxito, isto faz com que seja mais explícito e que não crie dúvidas.”

(Reflexão da aula 3, dia 1 de outubro de 2021)

No meu caso, a AD esteve presente em todos os módulos. No entanto, na primeira AD, relativamente ao voleibol, senti algumas dificuldades. Com uma reflexão com o PC e o NE, a partir desse momento, para além de tentar definir critérios de êxitos bem definidos, decidi que para cumprir os critérios de êxito o aluno tinha de fazer um número de vezes os critérios de êxito para considerar que tinha cumprido. Isto acabou por me ajudar nas AD seguintes e facilitar todo o processo de avaliação uma vez que acabei por utilizar esta estratégia não só na AD, mas também AS.

Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa ocorre no fim da UD, ou no meu caso em particular no fim de cada módulo. Como diz Mesquita (2013) permite verificar a progressão dos alunos face a um conjunto de objetivos previamente estabelecidos. É a AS que permite ao professor medir as aquisições das suas competências, habilidades e conhecimentos dos alunos, que posteriormente permite ao aluno saber o seu próprio desenvolvimento e o nível onde se encontra.

Uma vez que senti dificuldades na minha primeira AD, consegui com a estratégias implementas ter mais facilidade na AS. As grelhas de avaliação eram mais objetivas e sucintas. Devido aos restantes módulos tratarem-se de modalidades individuais tornou mais fácil o processo de avaliação, uma vez que os alunos eram avaliados individualmente e de forma sequencial, o que permitiu que a minha atenção e foco estivesse apenas e exclusivamente nesse mesmo aluno. Apesar de ser uma AS, tentei que o processo de avaliação fosse o mais transparente possível para os alunos, sendo que eles sabiam os objetivos que tinham de alcançar para chegar a determinado nível. Além disso, continuei a dar feedback aos alunos durante o processo de avaliação, com possíveis correções, para que os alunos conseguissem ter êxito durante o processo.

Devido à minha inexperiência, senti algum desconforto em relação às notas finais do primeiro módulo e questionava-me constantemente se a minha observação teria sido a mais correta, não querendo ser, de forma alguma, injusto com algum aluno. Para isso ajudou a presença do PC e NE, em que discutimos as notas e no cômputo geral, havia uma grande unanimidade em relação às notas finais, o que me deixou mais tranquilo e mais seguro nas AS seguintes.

4.2. Área 2 -Participação na escola e relação com a comunidade escolar

Ao longo do EP, passamos grande parte do nosso tempo na escola, não só a planejar e lecionar, mas também na interação com a comunidade escolar e na participação de atividades não letivas realizadas no âmbito da disciplina de EF. Nesta área irei mostrar o meu contributo e participação nos eventos bem como a relação que estabeleci com a comunidade escolar.

4.2.1. Importância dos funcionários

Os funcionários, são parte do pessoal não docente, que contribuem para o funcionamento e organização da escola, fazendo parte do processo educativo.

No mestrado foi referenciada a importância destes elementos na escola, e de como a relação entre o professor e funcionário é importante para um bom funcionamento e organização da escola.

A minha relação com os funcionários foi bastante positiva, principalmente com os funcionários cuja convivência era maior, que por norma estavam nos pavilhões de EF. Estes ajudaram-me na minha integração na comunidade escolar. Rapidamente percebi a importância do seu papel, já que assumiam a responsabilidade pela limpeza dos pavilhões, a designação dos balneários, a higienização do material e o seu auxílio durante a aula perante situações de imprevisibilidade, como por exemplo, na marcação duma falta disciplinar, era o funcionário que levava o aluno ao GADE, ou numa situação em que o aluno padecia de intervenção hospitalar.

As conversas informais com os funcionários contribuíram para que eu tivesse uma maior noção do contexto da escola, da turma e dos alunos. Uma vez que os funcionários já tinham muita experiência e muitos anos na escola, já que conheciam grande parte dos alunos e forneciam informações importantes sobre os mesmos. Ficou patente ao longo do EP, serem um agente ativo no processo de formação e da educação dos alunos, estabelecendo regras de bom funcionamento e disciplina.

Para concluir, guardo com grande estima e carinho as relações que acabei por estabelecer com os funcionários. Sendo que em diversos momentos revelaram ser uma ajuda crucial e uma preciosa ajuda no meu EP.

4.2.2. Atividades Escolares

4.2.2.1. Dia do Desporto Escolar

Esta atividade foi realizada pelo departamento de EF no início do ano letivo. Os alunos experimentaram diversas modalidades do desporto escolar com o objetivo de despertar algum interesse e inscrição na modalidade que mais gostavam.

A atividade decorreu nos dois pavilhões e contou com diversas modalidades tais como: Futebol, Rugby, Basquetebol, Badminton, Judo, Ginástica, Ténis, Voleibol, entre outras. Foi dos primeiros contactos que tive com todos os professores de EF do agrupamento, que se mostraram sempre disponíveis para esclarecer potenciais dúvidas acerca da atividade. Fiquei encarregue no apoio dum professor na demonstração de Rugby, onde os alunos fizeram um exercício e proporcionou um momento mais lúdico e um contacto mais informal com os alunos.

Foi uma atividade com bastante sucesso e que contou com a participação de grande parte dos alunos, que revelaram curiosidade e interesse.

Mais uma vez, esta atividade demonstra a importância que a escola dá ao Desporto.

4.2.2.2. Torneio Inter Turmas

O nosso NE, em conjunto com NE do ISMAI, ficamos encarregues de organizar dois torneios inter turmas. O primeiro torneio foi destinado ao ensino básico e o segundo ao ensino secundário que ocorreram em dois momentos distintos.

Na realização do primeiro torneio, destinado ao ensino básico, exigiu da nossa parte a construção dum cartaz, além de falarmos com os diversos professores que lecionavam as turmas do ensino básico, de forma a informarem os alunos acerca do torneio e onde se encontravam a fichas de inscrição.

Após termos a informação do número de equipas inscritas, organizamos o torneio com uma fase de grupos e posteriormente a fase a eliminar que iria determinar a equipa vencedora.

No dia da atividade, os alunos mostraram-se bastantes satisfeitos, existindo um ambiente muito positivo, antes, durante e após o torneio, não havendo casos de indisciplina ou de lesões a registar.

No segundo torneio, como a organização acabou por ser mais fácil, uma vez que já tínhamos elaborado o cartaz, as fichas de inscrição, as fichas de jogo, das fases de grupo e da fase a eliminar. Foi muito positivo e especial, principalmente para as turmas do 12ºano, que era o último torneio em que participam na escola e notava-se bem a emoção dos alunos.

Estas atividades tiveram uma adesão muito grande por parte dos alunos, o que demonstra o que estes eventos significam para eles.

No fim, foi muito gratificante verificar o fruto do nosso trabalho, e perceber que as pessoas gostaram do trabalho e da organização, felicitando o nosso esforço, empenho e dedicação. Foi importante desenvolver e participar nestas atividades uma vez que me permitiu estabelecer e desenvolver a relação com a comunidade escolar.

4.3. A Função da E.F em duas Escolas diferentes e o impacto que tem na prática desportiva dos alunos

4.3.1. Resumo

A atividade física e o desporto têm-se tornado cada vez mais um fator importante na vida quotidiana do ser humano, estando diretamente relacionada com diversos benefícios para a saúde, além da sua importância na formação de crianças e jovens. Porém, nem todas as escolas, têm em conta a importância da realização da prática desportiva e o impacto que a EF pode ter na vida dos estudantes. O presente estudo, integrado no estágio profissional do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física no Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, visa perceber qual a importância que a escola atribui ao desporto escolar e à atividade física e qual o seu impacto nas escolhas dos alunos. A amostra foi constituída por 89 alunos, com idades compreendidas entre os 13 e os 19. Foram criados 2 questionários, um a ser aplicado a alunos/as de 9º ano e outro a de 12º. Os dados obtidos foram analisados e comparados entre as duas escolas envolvidas. Com o estudo, conseguimos chegar a alguns dados interessantes, onde foi possível verificar que com o passar dos anos de escolaridade, os alunos diminuem a sua prática desportiva.

Palavras-Chave: Atividade Física, Perspetiva de futuro, Importância da EF nas Escolas.

Abstract

The Physical activity and sport have become increasingly an important factor in the daily life of human being, being directly related to several benefits that it can bring to health and is importante to develop in the formation of the young people. However, not all schools take into account the importance of carrying out sports and the impact that Physical Education can have on the students' lives. That said, following the realization of an integrated scientific study in the 2nd year professional internship Master's degree in Physical Education teaching in Basic and Secondary Education of the Faculty of Sport of the University of Porto, a questionnaire was prepared to understand the importance that the school attaches to school sports and physical activity and what impact it has in the students' choices. The sample consisted of 89 students, aged between 13 and 19. Two questionnaires were created, one for the 9th grade and the other for the 12th one. All students took the questionnaire at the end of the year. The results were analysed and compared between two secondary schools. Through these results we get some important conclusions, where it was possible to verify that with the passing of years of schooling, students decrease their spots practice.

Key words:Physical Activity, Future Perspective, The Importance of Physical Education at School.

4.3.2. Introdução

Ao longo do tempo, foi-se verificando uma diversificação do ensino, cada escola tem a sua realidade, o seu próprio contexto. Com isso, apesar de as disciplinas e programas serem transversais, as estratégias de cada escola são bastante diferentes consoante os seus objetivos e a sua realidade. Por este motivo achamos interessante comparar duas escolas, as suas realidades, os seus problemas, as suas estratégias e como usam o desporto, ou não, como parte da sua estratégia. Assim como perceber as perspetivas de futuro dos alunos, de forma a entender a influência que a escola e o desporto têm. Isto é um ponto essencial, para conseguir entender que impacto as estratégias da escola nas escolhas e perspetivas futuras dos alunos. Este estudo foi realizado no âmbito do estágio profissional e teve como objetivo perceber a importância que a escola dá ao Desporto e que impacto essa importância tem nas escolhas dos alunos. Para isso, comparamos duas escolas diferentes, para perceber a importância que ambas as escolas dão ao Desporto e se isso acaba por se manifestar nas escolhas dos alunos. Devido ao contexto de cada escola, achamos por bem, escolher duas escolas de diferentes contextos e comparar as mesmas. As escolas escolhidas foram onde realizamos o estágio profissional, devido a termos mais facilidade em conhecer o seu contexto e de aplicar o estudo. A EC onde realizei a PES é uma escola TEIP (Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), pertence a um território económico e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar se manifestam. São objetivos centrais do programa a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos. O agrupamento de escolas onde o meu colega realizou a PES, tem uma realidade bem diferente, é uma escola inserida num contexto socioeconómico mais favorável que a escola do Cerco, existe um maior acompanhamento e interesse da parte dos Encarregados de Educação, isto fica patente através dum contacto regular e da Associação dos Pais ser bastante interventiva, além disso, O abandono escolar e o absentismo não têm expressão

no ensino básico e são pouco significativos no ensino secundário e ensino profissional. Tendo em consideração a dimensão do Agrupamento, os problemas disciplinares são de reduzida expressão. Posto isto, fica evidente que se trata de dois contextos completamente díspares, o que esperamos que traga um maior enriquecimento ao estudo.

4.3.3. Objetivo do estudo

O seguinte estudo tem como objetivo comparar a realidade de duas escolas e como a importância do desporto pode variar conforme os objetivos de cada escola.

Escolhemos estes anos de escolaridade porque são anos onde os alunos tomam algumas decisões que terão influência no seu futuro, no 9ºano os alunos terão de decidir o curso que querem seguir no secundário e no 12ºano escolhem o que querem fazer em relação ao seu futuro, perseguir os estudos na universidade ou começar a sua vida profissional.

Aplicou-se um questionário a quatro turmas de forma a recolher os dados e posteriormente fazer uma análise dos dados.

4.3.4. Metodologia

O instrumento utilizado para a obtenção dos dados foi um questionário que incidiu sobre diversos temas: a frequência da prática desportiva, se os alunos praticam desporto escolar, se pretendem continuar a prática desportiva no futuro, que estratégias a escola poderia implementar para aumentar a importância do Desporto na Escola.

Depois de elaborado, o questionário foi analisado por a PC e a PO, uma opinião, relativamente as questões que iram ser colocadas, uma vez terem mais conhecimento e experiência. Ouvidas as opiniões, foram consideradas as sugestões e acrescentadas.

Na aplicação do questionário, fomos pessoalmente às turmas de cada escola, com a finalidade de verificar que as respostas dadas eram escritas pessoalmente por cada aluno e ajudar no esclarecimento de potenciais dúvidas dos alunos.

4.3.4.1. Amostra

Participaram neste estudo 89 alunos ($n=89$), dos quais 44 (49,5%) são do sexo masculino e os restantes 45 (50,5%) são do sexo feminino.

Dos 41 alunos participantes da EC do meu colega de estágio, 22 são do 12º ano e os restantes 19 do 9º ano.

Referente à minha EC participaram 48 alunos, dos quais 23 são alunos do 12º ano e 25 são alunos do 9º ano. Os sujeitos analisados foram esclarecidos previamente sobre o objetivo do estudo, tendo sido o seu consentimento informado e participaram voluntariamente no mesmo.

4.3.5. Apresentação dos Resultados

Foram inquiridos 89 jovens com um equilíbrio quanto ao sexo (gráfico 1), dado que 44 são do sexo masculino (49,5%) e 45 do género feminino (50,5%).

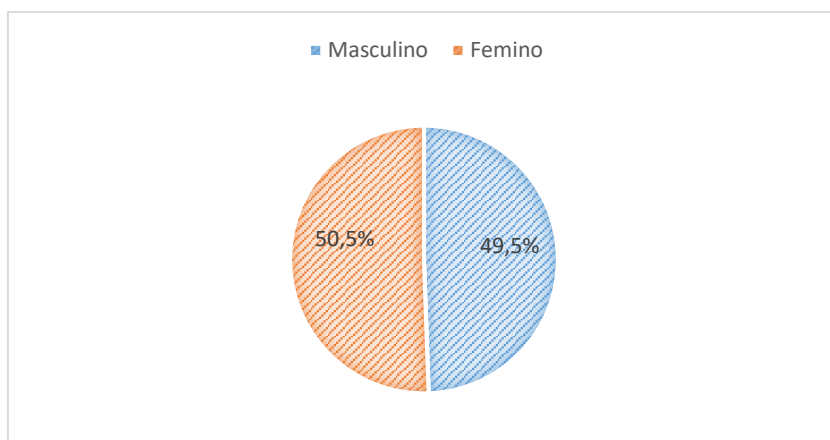


Gráfico 1-Valores percentuais quanto a participantes masculinos e femininos.

Praticavam desporto regularmente 67 (75%) alunos/as (ver gráfico 2). Quando analisados em função do ano de escolaridade, fica evidente que no 9ºano há uma maior percentagem de alunos/as com uma prática mais regular de desporto comparativamente aos de 12ºano (gráficos 3 e 4).

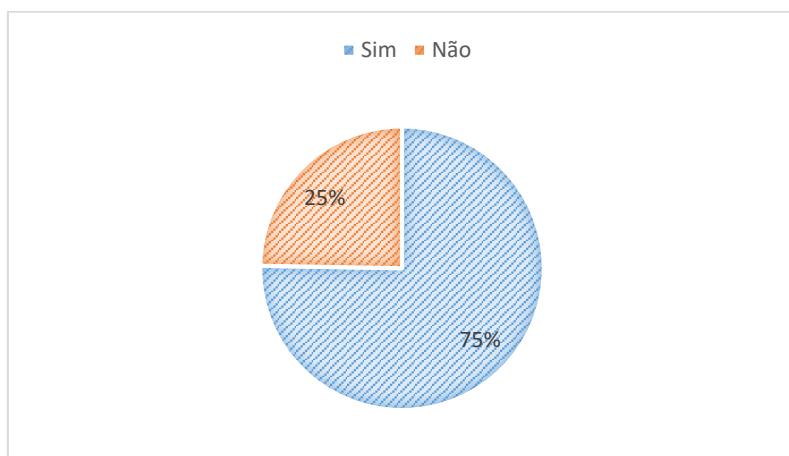


Gráfico 2-Valores percentuais de alunos/as que praticam Desporto regularmente.

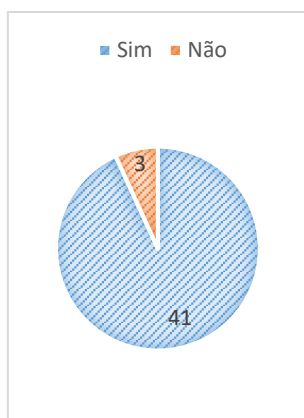


Gráfico 3-Valores percentuais de alunos dos 9º anos que praticam Desporto regularmente

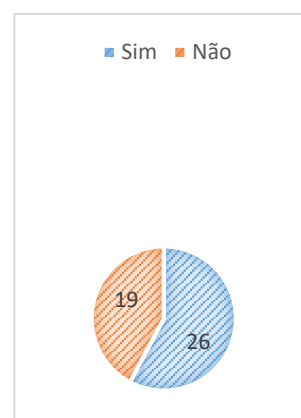


Gráfico 4-Valores percentuais de alunos do 12ºano que praticam Desporto regularmente.

Já no que se relaciona com a prática de desporto na escola, e especificamente no âmbito do Desporto Escolar (gráfico 5), 52 afirmam que praticam (58,43%) e 37 alunos/as não praticam (41,57%).

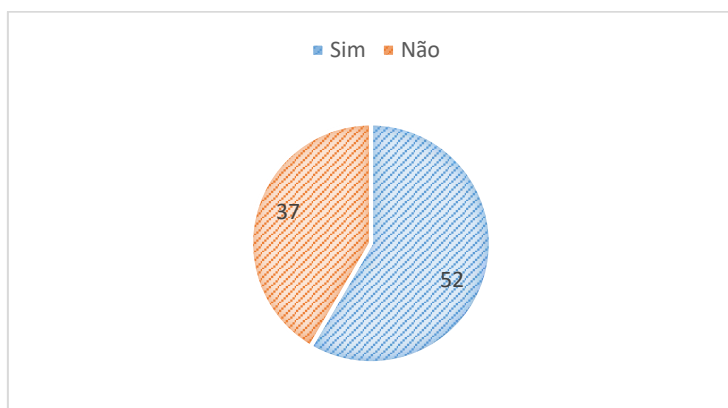


Gráfico 5-Nº de alunos/as que praticam Desporto Escolar.

Foi possível verificar uma discrepância na prática do Desporto Escolar, existem mais alunos/as do 9ºano a praticarem e aderirem ao Desporto Escolar comparativamente ao 12ºano.

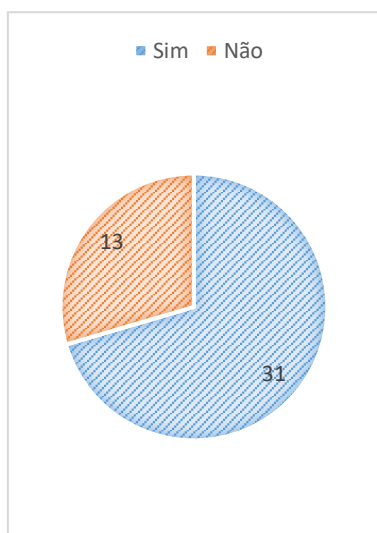


Gráfico 7-Nº de alunos/as do 9ºano que praticam Desporto Escolar.

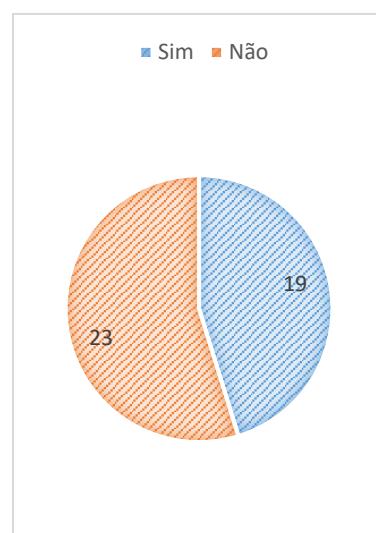


Gráfico 6- N° de alunos/as do 12ºano que praticam Desporto Escolar.

Quando questionados se gostavam da escola, dos 89 alunos, 79 afirmam que sim e 10 que não gostam.

Achamos pertinente saber os motivos por que os/as alunos/as gostam da escola, sendo que as respostas mais obtidas foram: a localização, bom ambiente, poderem aprender, boas condições e por causa dos professores.

O curso que os/as alunos do 9º ano querem seguir no ensino secundário, 7 alunos referiram que queriam seguir o curso profissional de Desporto. Por sua vez os alunos do 12ºano após a conclusão do 12ºano, 7 alunos referiram querer estar ligados a área do Desporto.

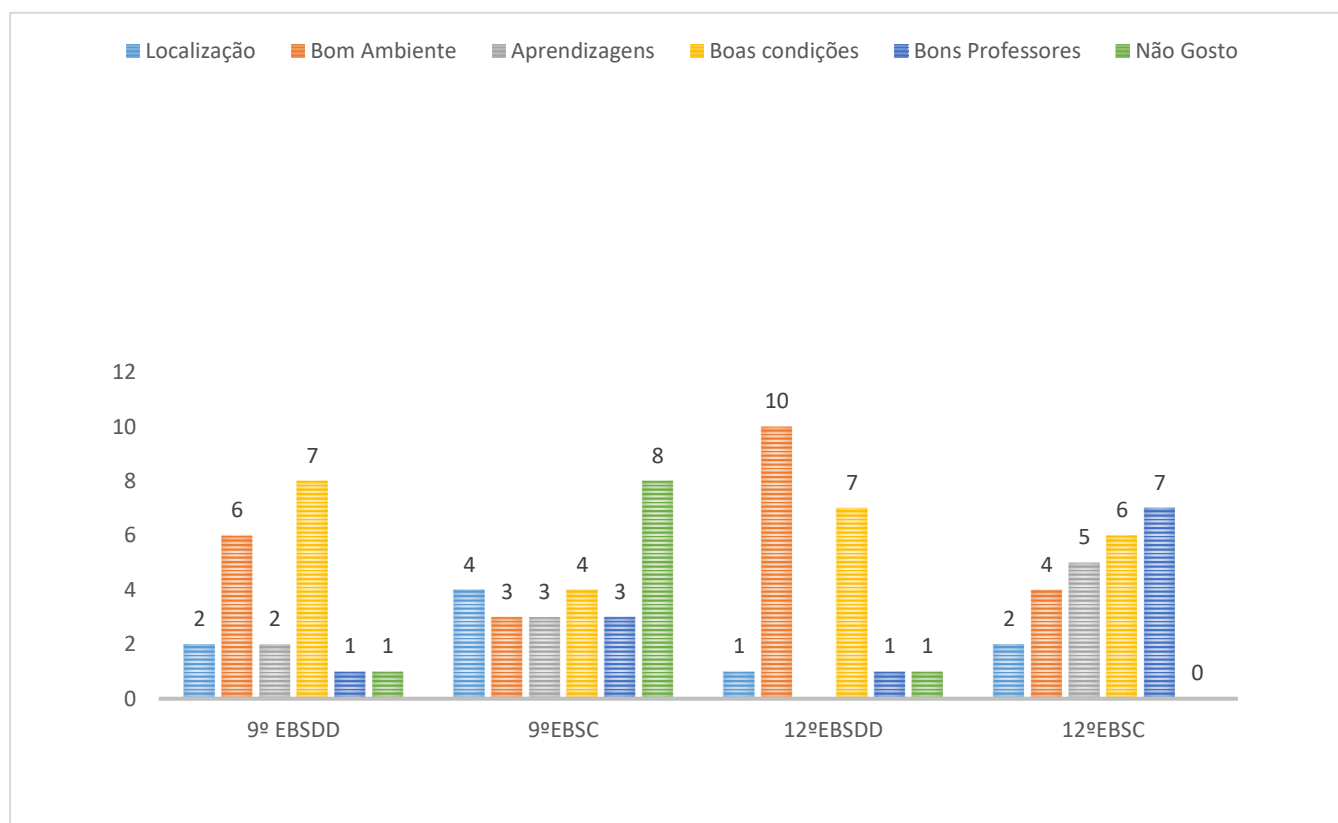


Gráfico 8--Razões apresentadas pelos alunos/as por que motivos gostam da escola

Em relação a influência que o Desporto teve nas suas decisões, 15 alunos disseram que teve um impacto grande nas suas escolhas.

Na questão sobre se os alunos queriam continuar a praticar Desporto no futuro, houve algumas diferenças encontradas entre o 9ºano e o 12º ano.



Gráfico 10-Nº de alunos do 9ºano que pretendem praticar Desporto no futuro.

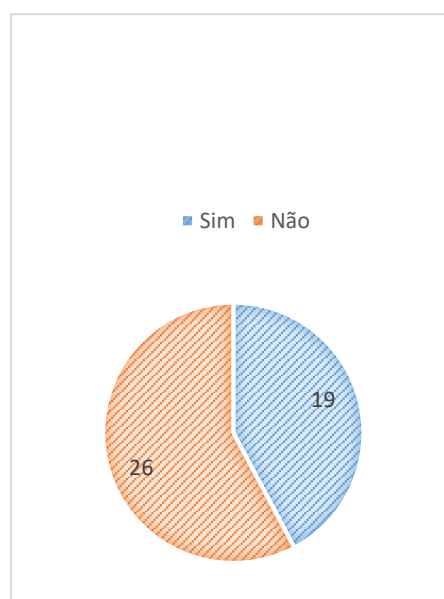


Gráfico 9-Nº de alunos do 12º ano que pretendem praticar Desporto no futuro.

Em relação a importância que Escola dá ao Desporto, não existiu um aluno que referisse que a escola não atribuía nenhuma importância ao Desporto. Sendo que os alunos do 12º ano revelaram, na sua ótica, de que forma a escola utiliza o Desporto na sua estratégia.

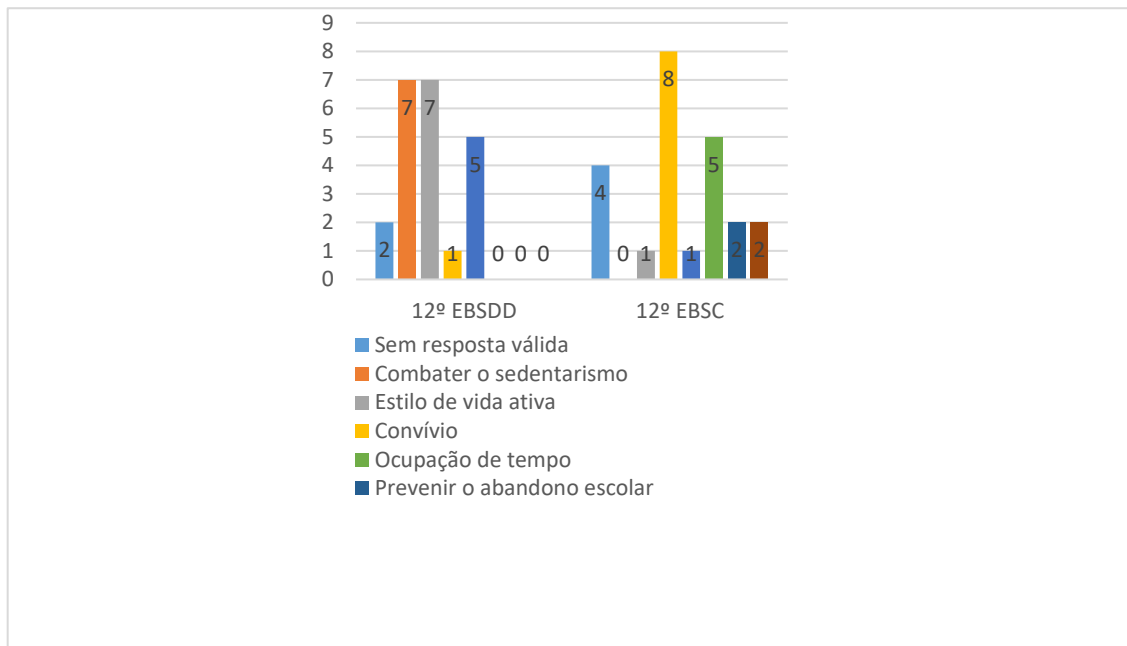


Gráfico 11-Razões apresentadas pelos alunos/as quais os objetivos da Escola em relação a E.F.

Na última questão solicitavam-se aos alunos/as estratégias que a Escola podia implementar para aumentar a importância do Desporto. Onde os alunos manifestaram que deveriam existir mais horários e modalidades em relação ao Desporto Escolar, uma maior promoção dos eventos realizados, a criação de mais atividades relacionadas com o Desporto, a redução de número de horas que os alunos passam sentados, entre outras.

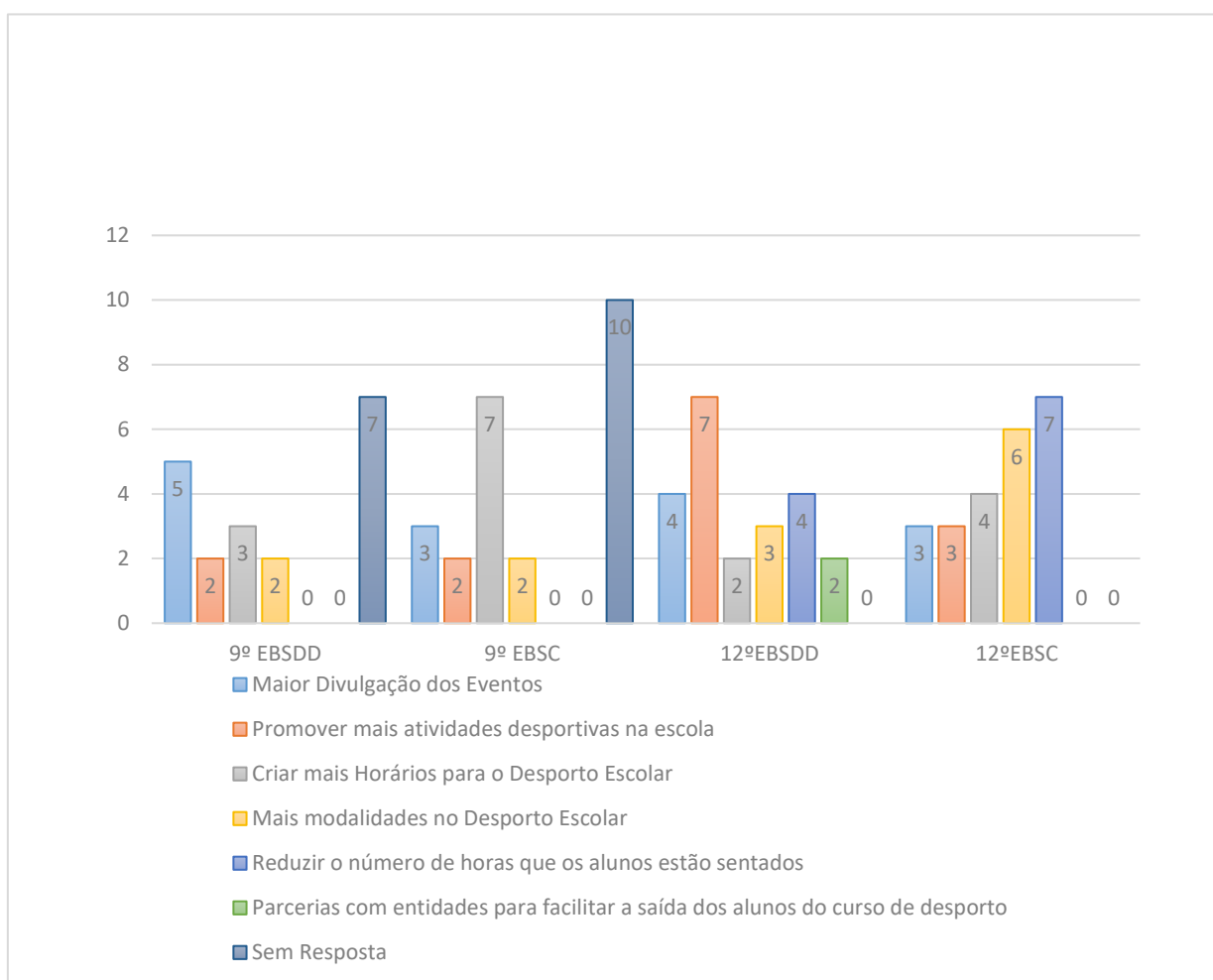


Gráfico 12-Estratégias que a Escola poderia adotar para aumentar a importância do Desporto, na ótica dos alunos.

4.3.6. Análise e Discussão dos Resultados

É possível verificar que ambas as escolas dão bastante importância ao Desporto e tentam utilizar diversas estratégias para que os/as alunos adquiram um estilo de vida ativo, para combater o sedentarismo, e visando um papel ativo na formação através da transmissão de valores e princípios, como forma de evitar o abandono escolar e a utilização do Desporto como meio de socialização entre os alunos.

No entanto, torna-se preocupante as discrepâncias encontradas ao nível dos alunos do 9ºano e do 12ºano no que concerne a prática do Desporto Escolar, na prática do Desporto e na vontade de continuar a praticar Desporto no futuro.

Enquanto no 9ºano, 41 alunos praticam Desporto regularmente face a 3 que não praticam, 31 alunos praticam Desporto Escolar face a 13 que não praticam e 43 manifestam vontade de continuar a praticar Desporto e apenas 1 aluno não manifesta essa vontade. No 12º ano 26 praticam Desporto regularmente enquanto 19 não praticam Desporto, 23 praticam Desporto Escolar face a 19 que não praticam e por fim 19 manifestam vontade de continuar a praticar Desporto enquanto 26 não manifestam essa mesma vontade.

No ensino básico e nas turmas do 9ºano, verifica-se que o Desporto faz parte do quotidiano da vida dos alunos e embora grande parte dos alunos não pretenda seguir a área do Desporto, mostra vontade que o Desporto faça parte das suas vidas.

Com o ingresso no ensino secundário, o Desporto perde a sua importância e impacto ao longo do tempo, e questionamos se esta falta de reconhecimento é a nível curricular. É preocupante a quantidade de aluno que à saída do ensino secundário não pretende praticar Desporto.

Um dos problemas que não tivemos em consideração na realização do estudo é os motivos por que os alunos não querem continuar a praticar Desporto e por isso não conseguimos analisar de uma forma mais incisiva e as estratégias que podiam ser utilizadas para que isso não acontecesse.

4.3.7. Conclusão

Como foi possível verificar, a percepção dos/as alunos/as inquiridos é que as escolas onde o estudo foi realizado atribuem muita importância ao Desporto e à atividade física. No entanto foi possível observar que os alunos ao longo dos anos vão tendo menos interesse na prática desportiva.

O que enquanto futuro professor tenho de analisar o contexto da escola e perceber o papel da EF na escola, onde tenho de ter um papel ativo e dinamizador de atividades que motivem os alunos para uma prática desportiva contínua ao longo das suas vidas.

É possível verificar também o papel que o Desporto Escolar assume na Escola, sendo que tem uma grande adesão por parte dos alunos, onde teremos de continuar a desenvolver o Desporto Escolar para que continue a crescer e permita aos alunos ter uma complementaridade em relação às aulas de EF. O Desporto Escolar permite aos alunos explorar com uma maior profundidade e especificidade as diversas modalidades, o que permite aos alunos inseridos no Desporto Escolar adquirir mais conhecimentos e uma evolução de diversas competências da parte dos alunos, sendo que pode despertar interesse no aluno para que ingressem nessa modalidade num contexto fora da escola.

Não foi possível identificar os motivos por que esse desinteresse surge, que seria importante de analisar, no entanto, será da nossa responsabilidade perceber a origem e tentar em conjunto com o departamento e a escola arranjar estratégias que salientem a importância do Desporto e que despertem o interesse dos alunos para uma prática regular do mesmo.

5.Conclusão e perspectivas futuras

Após o término do EP, irei debruçar-me e fazer uma reflexão sobre todas as vivências experienciadas ao longo do ano, sobre as estratégias implementadas, sucessos e insucessos, adversidades, adaptações que contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto profissional, mas também ao nível pessoal. Foi uma oportunidade única e que irei para sempre recordar, uma vez que se constituiu um grande marco na minha pessoa, sendo a primeira vez que tive o meu primeiro contacto com o mundo escolar enquanto professor. Ao longo do ano pude pôr em prática todos os conhecimentos que fui adquirindo na minha formação académica, permitiu-me sair da minha zona de conforto e a partir daí desenvolver diversas competências. Durante o EP, enfrentei diversas adversidades, dúvidas acerca das minhas capacidades e cometi erros, no entanto, tudo isso fez parte da minha evolução na qual foi possível aprender e melhorar em cada dia. Onde foi possível aprofundar a minha capacidade de refletir e adotar uma postura de questionamento sobre as minhas ações.

Apesar do meu estado inicial, onde a ansiedade e nervosismo reinavam, com a obtenção da experiência, conhecimentos e consequente evolução enquanto profissional consegui ultrapassá-los e tornar-me num profissional mais seguro e confiante acerca das minhas potencialidades. Através da turma que lecionei e dos alunos que fui conhecendo, percebi que ser professor é muito mais do que transmitir conhecimentos, implica ter um papel ativo na sua formação e desenvolvimento enquanto seres humanos. Além de ter inúmeras funções dentro da escola, como: a organização e participação em eventos escolares, participar nas reuniões do conselho de turma, do departamento de EF, entre outras. A participação nessas tarefas, ajudou-me a conhecer pessoas mais experientes, a conhecer novas estratégias e a sentir-me integrado na comunidade escolar.

O trabalho realizado ao longo de todo o ano foi exigente, e o apoio que fui tendo do PC, PO e NE foram cruciais.

Os erros que cometi obrigaram-me a uma reflexão sobre os mesmos, permitiram-me evoluir e crescer e foi importante tê-los cometido durante este ano, tendo uma rede de suporte para me apoiar. A elaboração do RE demonstra todos os

momentos e experiências que tive ao longo do ano assim como tenta demonstrar a evolução que fui tendo.

Embora seja a conclusão dum ciclo, corresponde também ao momento inicial da minha identidade profissional e da minha carreira profissional. Sinto que adquiri ferramentas essenciais para desempenhar as exigências da profissão, tendo a consciência que o processo que se avizinha não é estático e irá sempre exigir da minha parte uma constante evolução e crescimento.

6. Referencias Bibliográficas

Alarcão, I. (1996). Ser Professor Reflexivo. In I. Alarcão (Ed.), Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora.

Amaral, J., Moreira, A., e Ribeiro, D. (1996). O papel do Supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo. Em I. Alarcão (Org), Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão. Coleção CIDInE. Porto: Porto Editora.

Aranha Á (1993). Orientação de Estágios Pedagógicos: Avaliação Formativa Versus Avaliação Sumativa. Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, n.º 7/8, pp. 157-165.

Arends, R. I. (1995). Aprender a ensinar. Lisboa: McGraw-Hill.

Azevedo, J. (2012). Nota de apresentação. Revista Portuguesa de Investigação Educacional, 12, 3-5. Porto: Universidade Católica Editora, SA.

Belotti, S. H. A., & Faria, M. A. D. (2010). Relação professor/aluno. Saberes da Educação, 1(1), 01-12.

Batista, P., Silveira, G. C., & Pereira, A. L. (2014). Ser professor cooperante em Educação Física: Razões e sentidos. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.

Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), Olhares sobre o estágio profissional em educação física (pp. 31-52). Porto: Editora FADEUP.

Batista, P., & Queirós, P. (2015). (Re)colocar a aprendizagem no centro da Educação Física. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), Desafios Renovados para a aprendizagem em Educação Física (pp. 31-43). Porto: Editora FADEUP.

Bento, J. (2003). Planeamento e avaliação em educação física. Lisboa: Livros Horizonte.

Borsa, J. C. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. Psicoglobal-Psicologia. com. pt, 142, 1-5.

Brás, J. (1996). Boletim de Educação Física. Metamorfoses na formação de professores de Educação Física, pp. 47-54.

Carita, A., Fernandes, G. (1997). Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar? Lisboa: Editorial Presença.

- Carvalho, R. G. G. (2006). Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria. *Revista Iberoamericana de Educación*,
- Crum, B. J. (1993). Conventional thought and practice in physical education: Problems of teaching and implications for change. *Quest*, 45(3), 339-356.
- Francisco, C. M. (2001). Contributos da Supervisão para o Sucesso do Desempenho do Aluno no Estágio. Dissertação de Mestrado. UC-FCEF.
- Gonçalves, C.M. & Coimbra, J. L (2003). Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho. Trabalho apresentado no 4. Congresso Internacional de Norte de Portugal/Galiza, Porto.
- Matos, Z. (2012). Educação Física na escola: da necessidade da formação aos objetivos e conteúdos formativos. In I. Mesquita & J. O. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física.143- 178.
- Mesquita, I. (2013). Didática do Desporto-Avaliação das Aprendizagens em Educação Física [documento PowerPoint]. Porto: FADEUP.
- Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores contruída dentro da profissão [Versão eletrónica]. *Revista de Educación*, 2009(350), 203-218.
- Rink, J. (2014). *Teaching physical education for learning* (7 ed.). New York: McGraw Hill.
- Rosado, A. & Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do desporto*, pp. 69-130. Lisboa: Edições FMH.
- Siedentop, D., Hastie, P. A., & Van der Mars, H. (2011). *Complete Guide to Sport Education*. Human Kinetics.
- Vickers, J. N. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. Human Kinetics Publishers, Inc.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão, Uma Prática Reflexiva de Formação de Professores*. Rio Tinto: Edições Asa.

7-Anexos

Anexo 1: Ficha Caracterização do Aluno

QUESTIONÁRIO

1. DADOS BIOGRÁFICOS

Nome: _____ Nº _____ Ano/Turma: _____

Código Postal : _____ - _____ Localidade: _____

E-mail: _____ Telefone/Telemóvel: _____

2. SAÚDE / HÁBITOS DE HIGIENE

a) Já tiveste ou tens algum problema de saúde? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? _____

b) Tens algum problema de saúde que te impossibilite a prática desportiva regular das aulas de Educação Física?

☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? _____



c) Sofres de algum tipo de alergia? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? _____

d) Já foste hospitalizado? ☐ Sim ☐ Não Se sim, porquê? _____

3. ROTINA DIÁRIA / DESLOCAÇÃO PARA A ESCOLA

a) Normalmente a que horas te levantas e a que horas te deitas?

LEVANTAR

- ☐ Antes das 7 horas
- ☐ Entre as 7 / 8 Horas
- ☐ Após as 8 horas

DEITAR

- ☐ Antes das 21:30
- ☐ Entre as 21:30 / 23:00 Horas
- ☐ Após as 23 horas

b) Qual é a distância entre a tua casa e a escola (Km)? _____

c) Para vir para a escola deslocas-te **normalmente**: (1 opção):

- ☐ A pé ☐ De carro ☐ Em transportes públicos
☐ De mota ☐ De bicicleta ☐ Outro? Qual _____

d) Em **média**, quanto tempo demoras no caminho de casa para a escola?

- ☐ Menos de 15 minutos ☐ 30 minutos ☐ 1 hora ☐ Mais de 1 hora

4. NUTRIÇÃO



a) Que refeições fazes diariamente?

- ☐ Pequeno-almoço ☐ Lanche ao meio da manhã ☐ Almoço
☐ Lanche ☐ Jantar ☐ Ceia

b) Onde almoças **normalmente** em tempo de aulas (1 opção)?

- ☐ Casa ☐ Bar ☐ Cantina ☐ Restaurante ☐ Outros

c) Costumas comer antes das aulas de Educação Física? ☐ Sim ☐ Não



5. VIDA ESCOLAR

a) Já reprovaste? ☐ Sim ☐ Não Se sim, quantas vezes? _____

b) Qual a disciplina de que mais gostas? _____ A que menos gostas? _____

c) Consideras-te um aluno?

- ☐ Mau ☐ Razoável ☐ Bom

d) Em casa tens alguém que te ajuda a estudar?

- ☐ Sim ☐ Não Se sim, quem? _____

e) Qual a atitude dos teus pais em relação aos teus resultados escolares?

- ☐ Indiferença ☐ Compreensão ☐ Castigo ☐ Prémio

f) Qual a profissão que gostarias de ter futuramente? _____

6. DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA



a) Qual o interesse que a aula de Educação Física desperta em ti?

- ☐ Nenhum ☐ Muito pouco ☐ Pouco ☐ Algum ☐ Muito

b) Quais as tuas modalidades desportivas preferidas (no máximo 3)?

- ☐ Andebol ☐ Tag Rugby ☐ Basquetebol ☐ Futsal ☐ Natação ☐ Ténis
☐ Atletismo ☐ Badminton ☐ Futebol ☐ Ginástica ☐ Voleibol ☐ Outra

c) Quais as modalidades desportivas que tens mais dificuldade?

- ☐ Andebol ☐ Tag Rugby ☐ Basquetebol ☐ Futsal ☐ Natação ☐ Ténis
☐ Atletismo ☐ Badminton ☐ Futebol ☐ Ginástica ☐ Voleibol ☐ Outra

7. Interesses

a) Qual o teu passatempo favorito? _____

b) Qual o teu desportista/celebridade/personagem (Filmes/series) favorito? _____

c) Qual as tuas series que mais gostas? _____

Anexo 2: Planeamento Anual das Disciplinas

CURSOS PROFISSIONAIS

Planeamento Anual

Curso Profissional Técnico de Desporto

Triénio 2020 / 2023

Área Curricular: Educação Física

Ano Curricular	Módulo	Horas/segmentos	Data de início	Data de término
2º (2021/2022)	M2 – Jogos Desportivos Coletivos 2 - Voleibol	11H/15seg	24/09/2021	5/11/2021
	M5 – Ginástica 2 – Gin. Solo e Plinto	9H/12seg	12/11/2021	17/12/2021
	M8 – ATL/RAQ/PAT 2 - Atletismo	7,5H/10seg	7/01/2022	04/02/2022
	M11 – Dança 2 – Rumba quadrada	6H/8seg	11/02/2022	04/03/2022
	M14 – Atividade Física em Contexto de Saúde 2	7,5H/10seg	11/03/2022	08/04/2022
	M16 – Aptidão Física	6H/8seg	29/04/2022	27/05/2022

Anexo 3: Plano de Aula

Plano de Aula

Professor:		Ano/Turma:	Data:
Local:		Nº de alunos:	Hora:
Aula nº	Sessão nº	Espaço:	Duração:
Unidade Didática:		Material:	
Função Didática (Conteúdos):			
Objetivo da aula: _____			
Sumário:			

Partes da aula	Tempo	Conteúdos/Situações de Aprendizagem	Organização Didático-metodológica/Esquema	Objetivos comportamentais/ Feedback
Inicial				
Fundamental				
Final				

Anexo 4: Exemplo UD (voleibol)

				1	2	3	4	5	6	7	
Aula											
Data				24/09	1/10	8/10	15/10	22/10	29/10	5/11	
Duração				1H30	1h30	1H30	1H30	1H30	1H30	1H30	
Habilidades motoras	Técnicas	Passe		Avaliação Diagnóstica	I	E	E	C		Avaliação Sumativa	
		Serviço por baixo			I	E	E	C			
		Serviço tipo tênis				I	E	E	C		
		Manchete				I	E	E	C		
	Táticas	3x3	Comunicação		I	E	E	C			
			Diferenciação de papéis		I	E	E	C			
			Ajustamento				I	E	E		
			Suporte				I	E	E		
	Condição Física		Capacidades Condicionais		Força	Presente em todas as aulas					
			Capacidades Coordenativas		Coordenação						
Cultura Desportiva		Regras e Segurança			Presente em todas as aulas						
Conceitos Psicossociais		Cooperação			Presente em todas as aulas						
		Responsabilidade									
		Fair-Play									
		Respeito e Disciplina									

Anexo 5: Critérios de Êxito (Dança)

Dança Social – Rumba quadrada – 11º ano

INDICADOR (FASE)	Passo basico	Passo Progressivo a Frente Passo Progressivo Atrás	Volta e Contravolta	Volta Circular	Coreografia
Descritor de Desempenho (Comportamento)	Posição fechada fazendo coincidir os passos em frente e atrás em ritmo lento, e os laterais sem ultrapassar a largura dos ombros.	O par executa progressivamente o passo para á frene, iniciando sempre com o pé esquerdo (quem lidera) e de seguida o pé direito, contando 6 tempos.	Quem lidera tem de dar 2 passos para o lado direito e 2 passos para a posição inicial. Quem é liderado deve executar uma volta à direita, avançar o pé esquerdo a 45°, rodar sobre si próprio e regressando em seguida a posição inicial.	O para deve começar a avançar o pé esquerdo para o lado esquerdo juntado em seguida o pé direito, em seguida regressa a posição inicial, fazendo o mesmo para a frente, para a direita e para trás.	O par realiza todos os passos lecionados, durante o tempo da música 2min.

Escala de avaliação:

Muito insuficiente (0 a 5): Não realiza

Insuficiente (6 a 9): Realiza com muita dificuldade

Suficiente (10 a 13): Realiza com dificuldade

Bom (14 a 17): Realiza com pouca dificuldade

Muito Bom (18 a 20): Realiza sem dificuldade

Anexo 6: Questionário do Estudo de Investigação

Questionário

1. Dados Biográficos

Nº: ____ Ano/Turma ____

Escola: _____

2. Género?

Masc: ☐ Fem: ☐ Outro: ☐

3. Praticas a alguma modalidade desportiva?

Sim ☐ Qual: _____

Não ☐ Gostarias? Sim ☐

Não ☐ Qual? _____

4. Particas desporto escolar?

Sim ☐ Qual: _____

Não ☐

5. Gostas da escola onde estás?

Sim ☐ Porquê? _____

Não ☐ Porquê? _____

6. Que curso queres seguir no futuro? _____

7. Que influência teve a escola nessa decisão?

8. Que influência teve o desporto nessa decisão?

9. Queres continuar a praticar desporto no futuro?

Sim ☐

Não ☐

10. Na tua opinião qual a importância que a tua escola atribui ao desporto?

11. Que estratégias achas que a tua escola pode implementar para aumentar essa mesma importância? _____

Anexo 7: Cartaz Torneio Inter Turmas



ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DO CERCO

TORNEIO DE FUTEBOL 21/22

2 E 3 DE FEVEREIRO
4.ª E 5.ª FEIRA

7.º e 8.º ano

INICIO ÀS 09H
PAVILHÃO G2 DA EBSC

INSCREVE A TUA EQUIPA!
JUNTO DA FUNCIONARIA NO G1 E G2

DATA LIMITE:
SEXTA, 28 DE JANEIRO ÀS 18H

  Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto

The poster is a vertical rectangular card with a light green background. It features a blue border. On the left side, there is a large, detailed illustration of a soccer ball hitting a goal net. The text is primarily in blue and black. The title 'TORNEIO DE FUTEBOL 21/22' is in large, bold, blue capital letters. Below it, the dates '2 E 3 DE FEVEREIRO' and '4.ª E 5.ª FEIRA' are in black. The age group '7.º e 8.º ano' is in blue. The start time and location 'INICIO ÀS 09H' and 'PAVILHÃO G2 DA EBSC' are in black. The registration information 'INSCREVE A TUA EQUIPA!' and 'JUNTO DA FUNCIONARIA NO G1 E G2' is in black. The deadline 'DATA LIMITE: SEXTA, 28 DE JANEIRO ÀS 18H' is in blue. At the bottom right, there are two logos: a red circular logo with a white 'C' and a yellow circular logo with a black 'A', followed by the text 'Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto'.